



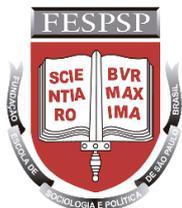
Pesquisa FESPSP

JUVENTUDE e **MERCADO** de TRABALHO



Fundação Escola de
Sociologia e Política
de São Paulo
DESDE 1933

fespsp.org.br



Fundação Escola de
Sociologia e Política
de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE
SOCILOGIA E POLÍTICA
DE SÃO PAULO**

Conselho Superior

Angelo Del Vecchio

Presidente

Diretoria Executiva

Lais da Costa Manso Nabuco de Araújo

Diretora Geral

Romeu Nami Garibe

Vice-Diretor Geral

Almiro Vicente Heitor

Diretor Tesoureiro

Maria Cristina Barboza

Diretora de Projetos

Diretoria Acadêmica

Carla Regina Mota Alonso Diéguez

Escola de Sociologia e Política

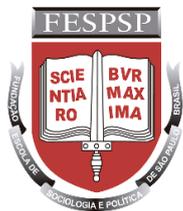
Valéria Martin Valls

Faculdade de Biblioteconomia e

Ciência da Informação

Douglas Murilo Siqueira

Faculdade de Administração



PESQUISA JUVENTUDE E MERCADO DE TRABALHO – Set/19.

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL

Núcleo de Pesquisas da FESPSP

Paulo Silvino Ribeiro

Coordenador do Núcleo de Pesquisas

Professores Participantes da Pesquisa

Adriana Souza - FaBCI

Andrea Duarte S.C.Leite - FAD

Stella C. Schrijnemaekers - ESP

Aplicadores (as) da Pesquisa

Discentes Voluntários

Eric Matheus Soares de Araújo

Gabriel Masotti Silva

Gabriela dos Santos de Vasconcelos

Gabriela Torres Martins

Giovanna Santos

Giulia Prado Inforsato

Hamilton Mendes Rocha

Maria Fernanda Gustavo Feller

Rebeca Santana

Victoria Lima Dorta

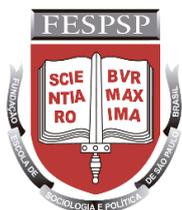
Vitoria Gabrielle Gomes dos Santos

Estagiários (as) do Núcleo de Pesquisas

Carolina Nascimento

Gustavo L. dos Santos

Nívia Silva Mansini



Sumário

APRESENTAÇÃO	5
1 JUVENTUDE EM DEBATE	7
1.2 <i>A questão da (s) juventude (s)</i>	7
1.2 <i>Juventude e trabalho</i>	11
2 OS RESULTADOS DA PESQUISA JUVENTUDE E MERCADO DE TRABALHO EM SÃO PAULO – 2019	14
2.1 <i>O perfil de quem participou da entrevista</i>	14
2.2 <i>A vida profissional/trabalho</i>	19
2.3 <i>Vida Escolar e vida profissional/trabalho</i>	37
2.4 <i>Mercado de Trabalho</i>	43
2.5 <i>Vida Escolar e Mercado de Trabalho</i>	53
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	62



APRESENTAÇÃO

Se para a opinião pública há a máxima de que os jovens representam o futuro do Brasil, uma pergunta se faz necessária: o que temos feito hoje, efetivamente, para prepará-los para o amanhã? Como as temáticas da juventude, da educação e do trabalho (e a relação entre elas) têm sido consideradas na construção de projetos para o futuro do país, do estado de São Paulo e da cidade?

Seja por questões históricas e estruturais que cristalizaram as diferenças sociais e mitigaram a geração de oportunidades para os jovens, seja pela ausência ou ineficiência das políticas públicas concebidas para promover a juventude, pela pouca escuta das demandas juvenis, por acreditarmos que sabemos o que é melhor para os jovens, o que se tem é um quadro cada vez mais alarmante e desafiador a toda sociedade, resultado direto da conjugação de fatores que precisam ser desvelados, compreendidos e discutidos. Diante deste cenário tão indicativo da natureza inócua e ao mesmo tempo inepta das ações voltadas aos jovens, o que se vislumbra é a imperativa necessidade de um debate amplo e permanente que envolva a sociedade civil, o Estado, a classe política e a universidade.

Mas algo deve preceder este debate: o conhecimento sobre o que pensa o jovem. Antes de se formular e propor ações que tenham a juventude (ou juventudes) como foco, é preciso considerar o jovem como sujeito e indivíduo ativo politicamente. Sua voz precisa ser ouvida para que seja possível conhecer suas verdadeiras demandas e anseios. A Fundação escola de Sociologia e Política vem já a alguns anos fazendo essa escuta sistemática. E se preocupa em responder as seguintes questões: o que pensam os jovens, e quais suas experiências, em relação ao mercado de trabalho?

Neste sentido, dada a importância em se conhecer a dinâmica do presente como forma de melhor responder os desafios do futuro, a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo empreendeu um estudo sobre a juventude e o mercado de trabalho na capital paulista. Considerando-se sua tradição de ensino e pesquisa há quase 90 anos, bem como seu interesse



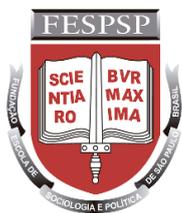
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

permanente na dinâmica dos fenômenos sociais da cidade de São Paulo, esta instituição promoveu ao final do segundo semestre de 2019 a pesquisa que aqui se apresenta, a qual se soma aos demais trabalhos já realizados pela FESPSP sobre o jovem paulistano nos últimos anos.

Este relatório¹ está dividido em três grandes partes. Primeiramente, uma reflexão sobre o tema da juventude ou uma discussão em torno de sua definição conceitual da perspectiva dos limites, dos consensos e das controvérsias que se evidenciam neste debate. Esta primeira parte não apenas introduz este estudo, como evidencia a importância e a complexidade da discussão sobre a condição do jovem diante da dinâmica do mercado de trabalho. Em um segundo momento, apresenta-se a análise dos resultados gerais da pesquisa, cotejando-os com dados de outros estudos sobre o jovem e sua relação com o mercado de trabalho. Por fim, as considerações finais, destacando-se os pontos mais relevantes deste trabalho, os quais são merecedores de atenção e bem valem outros esforços de pesquisa que possam aprofundar as conclusões que aqui se obteve. Boa leitura.

¹ A análise sociológica dos resultados foi produzida pelos professores Dr. Paulo Silvino Ribeiro e Dra. Stella C. Schrijnemaekers.



1 JUVENTUDE EM DEBATE

1.2 A questão da (s) juventude (s)

É possível estabelecer uma única definição de juventude? O que é a juventude? Um estado de espírito? Uma fase da vida? Não há uma única abordagem, mas várias, não há um único entendimento, mas sim diferentes modos pelos quais o jovem e a juventude podem ser definidos. Há uma multiplicidade de abordagens que contém diferentes concepções.

Vive-se um momento histórico em que cada vez mais a juventude se torna um valor (DEBERT, 2010) e assim muitos se consideram jovens não pela idade que possuem, mas por meio dos hábitos de consumo que têm, pela vida que levam. A juventude, portanto, não é uma categoria fechada, cujo sentido está dado e é entendida por todos da mesma maneira. Na verdade, como toda categoria social, ela é social e historicamente constituída. Ela também pode ser entendida como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta e, portanto, os indivíduos seriam marcados pela ambiguidade de apresentar características de ambas as fases (ABRAMO, 1997). Mas, apesar disso, é possível pensá-la de modo particular, com características próprias, e não apenas como lugar da coexistência de aspectos da infância e da vida adulta simultaneamente (PAIS, 1990, 2009, 2012; OLIVEIRA, PICCININI, BITENCOURT; 2012). Na verdade, cada vez mais ela é revestida de conteúdos singulares e, ao mesmo tempo, passa por um processo de alargamento.

Em entrevista provocativa do sociólogo Pierre Bourdieu em 1978, e que foi publicada em seu livro *Questões de sociologia* (1983) ele afirma que “a juventude é apenas uma palavra”. Tal entrevista gerou repercussão e até respostas como o texto “A juventude é mais do que uma palavra” (MARGULIS, URRESTI, 1996). Bourdieu começa a entrevista com uma afirmação importante: “as divisões entre as idades são arbitrárias”. Isso significa que elas não são dadas, nem estão fechadas, mas são objeto de discussão. A fronteira entre a juventude e a velhice é objeto de disputa em todas as sociedades. Isso significa que a construção da juventude é permeada por jogos e relações de



poder entre jovens e velhos. A juventude, portanto, serve para estabelecer o lugar de uma parte da sociedade na estrutura social (BOURDIEU, 1983).

Durante muito tempo, nesta disputa pelo lugar de prestígio entre a juventude e velhice, a vantagem pendeu para os mais velhos, mas isso mudou ao longo do tempo na maioria das sociedades ocidentais por várias razões. Não cabe na presente discussão elencar todas, mas vale a pena destacar aquela que mostra que a juventude, mais do que fechada numa faixa etária, tem se constituído num valor positivo na sociedade (DEBERT, 2010; PERALVA, 1997), um tipo de atributo que independe da idade cronológica. Isso pode ser verificado no cotidiano, por exemplo, no uso de roupas, gírias, cortes de cabelo e atitudes que simbolicamente remetem aos jovens por pessoas que não teriam mais a idade para serem consideradas jovens. Mas nem sempre foi assim, até início do século XX, existia todo um aparato de roupas e acessórios que serviam para conferir “dignidade” e porque não dizer, “idade” as pessoas, de tal forma que a juventude não era vista como valor (SEVCENKO, 1997).

Toda forma de classificação, seja ela por idade, sexo, ou classe, serve para impor limites e produzir uma ordem e uma hierarquia onde cada um deve se manter em relação ao outro. A divisão entre jovens e velhos está imbuída disso, de relações de poder. Ela não é neutra e apresenta aspectos positivos e negativos para ambos os lados. A classificação impõe *limites* e também uma *ordem*. A juventude, a velhice ou a vida adulta não são dados, mas construídos socialmente (BOURDIEU, 1983). Entende-se a partir disso que a idade é um dado biológico socialmente manipulado. Achar que é possível “falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (Ibidem, 1983). Assim sendo é preciso falar em *juventudes*. Isso posto pode-se daí depreender que não é possível pensar numa política pública para juventude no Brasil ou para cada Estado, mas políticas diversas que procurem dar conta dessa heterogeneidade de vivências e experiências em torno da condição juvenil.

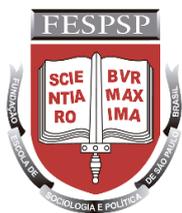
Em última instância, falar em *juventudes* é reconhecer não apenas a pluralidade das expressões identitárias dos jovens, mas considerar a



complexidade deste tema do ponto de vista dos problemas, anseios e outras tantas questões que sejam caras aos considerados como jovens. Lamentavelmente, na maior parte das abordagens relativas aos jovens, há uma grande dificuldade em considera-los como sujeitos, devido entre outros fatores, a maneira pela qual a juventude tem sido tematizada na sociedade ocidental contemporânea. Ou seja, a tematização da juventude pelo senso comum, mostra não só trata a juventude como um universo homogêneo, como também, um retrato projetivo da sociedade e assim condensa medos, angústias e esperanças (ABRAMO, 1997). Como se apontou, os jovens não são um grupo homogêneo, ao contrário, já que muitas são as juventudes.

Porém, é evidente que não se pode perder de vista o fato de que aqueles considerados jovens compartilham de dificuldades, regularidades e condicionalidades do contexto no qual estão inseridos enquanto sujeitos. Cabe à análise social da juventude esta dupla tarefa: compreender os jovens na sua pluralidade e, ao mesmo tempo, o que se impõe como condição comum resultante do momento histórico. Embora os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa reconheçam que as trajetórias de vida dos jovens sejam singulares, sabe-se que elas são pautadas por regularidades que tem marcas culturais, sociais, políticas e econômicas., Portanto, eleger um recorte etário teria como vantagem permitir a análise mais detida destas regularidades que se apresentariam..

Um dos traços que mais caracteriza a condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens (PAIS, 1990, 2009, 2012), e que tem a ver, portanto, com a maior ou menor capacidade de reunir condições de independência econômica. Mesmo que as fronteiras entre determinadas fases da vida estejam se tornando cada vez mais indeterminadas, certos marcadores de passagem destas fases permanecem importantes, a exemplo da inserção (ou não) no mercado de trabalho. Portanto, é preciso indagar: quais são as dificuldades de uma determinada geração, enquanto jovens, para realizarem a passagem por tais fases? Quais as dificuldades estruturais, culturais, econômicas, entre outras, que atuam como produtores e reprodutores de dificuldades ou vantagens para certas gerações? O que forma uma geração



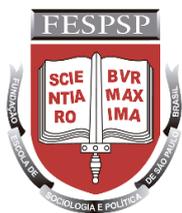
(WELLER, 2007, 2010) não é a data de nascimento comum, e a “demarcação geracional” é algo apenas potencial, tratando, em última instância, da parte do processo histórico que jovens da mesma idade e/ou classe de fato compartilham. As pessoas vivem o mesmo tempo histórico de forma diferente, logo para cada um é, simultaneamente, o mesmo tempo e um tempo distinto.

Há de acordo com Karl Mannheim (APUD WELLER, 2007, 2010) a não contemporaneidade dos contemporâneos. Mannheim, ao abordar o conceito de geração aponta o que define como posição geracional, segundo a qual, o que caracteriza uma posição comum daqueles nascidos numa mesma época ou período não é terem nascido exatamente no mesmo tempo histórico, datado, mas a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, e principalmente, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante. A posição mostra potenciais que podem ou não se realizar. Nesse sentido podemos dizer, em termos mannheimianos, que os jovens estudados estão numa mesma posição geracional, embora não tenham, necessariamente, a mesma idade.

Essa premissa ajuda a explicar a escolha do público alvo para a pesquisa da FESPSP. O recorte etário deste estudo é o mesmo estabelecido pelo Estatuto da Juventude² e pelas Nações Unidas, ou seja, que considera como jovens indivíduos entre os 15 e 29 anos. Nesta faixa que se estende por 14 anos, evidentemente, é possível perceber a manifestação da não contemporaneidade dos contemporâneos, o que implica nas mais diversas experiências de juventudes, e que devem ser consideradas não apenas pela diferença de idade, mas de sexo, cor, gênero, classe social, bairro onde vive, onde trabalha, e por tantos outros aspectos identitários e interseccionais. Torna-se patente que na cidade de São Paulo, com quase 12 milhões³ de habitantes, não haja uma, porém, várias juventudes. Por isso mesmo, no intuito de poder alcançar essa diversidade de falas, vivências e experiências juvenis, a pesquisa teve o cuidado em ouvir jovens não apenas da região central, mas

² O Estatuto da Juventude foi regulamentado pela Lei nº 12.852/13.

³ Dado do SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.



das regiões norte, sul, leste e oeste, nos principais pontos de fluxo dos bairros e em horários diferentes ao longo da aplicação.

1.2 Juventude e trabalho

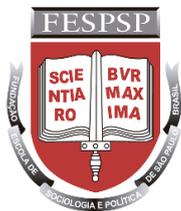
Os jovens estão vivendo uma redefinição da iniciação no mundo do trabalho. A tradicional linearidade profissional está sendo substituída pela inserção em um mercado de trabalho cada vez mais flexível e precarizado há décadas. A flexibilidade que tem marcado certos setores desde a década de 80 se expandiu nos últimos 20 anos, e numa intensidade muito grande nos últimos 10 anos. A flexibilização, somam-se os altos índices de desemprego para toda a classe trabalhadora, agravados recentemente pelo dramático desempenho econômico brasileiro. No primeiro semestre de 2019, institutos de pesquisa, especialistas e a imprensa, divulgaram dados sobre o desempenho da economia, e de um modo geral, foi apontada estagnação e, não raro, depressão na economia brasileira⁴. Dados do IBGE⁵, apontaram uma taxa de desocupação no 1º trimestre de 2019 de 12,7% e o número de desalentados (aqueles que desistiram de procurar por emprego) alcançou neste mesmo período a marca de 4,8 milhões de pessoas com 14 anos ou mais.

Mas se a conjuntura não era boa (e ainda não o é) naquele momento para os trabalhadores e trabalhadoras de modo geral, para os mais jovens a situação é sempre pior. Segundo o IPEA, por meio de suas Cartas de Conjuntura publicadas trimestralmente⁶, constata-se que a crise econômica atinge com maior intensidade os mais jovens e com menos escolaridade, os quais, ao mesmo tempo, possuem mais dificuldade de conseguir emprego (dada a falta de experiência ou porque ainda estão em formação) e maiores possibilidades de serem dispensados (uma vez que as rescisões contratuais de trabalhadores com menos tempo de empresa são mais baratas).

⁴ Jornal Folha De São Paulo, 19.05.19.

⁵ Para mais informações, ver matéria completa em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24486-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-14-das-27-ufs-no-1-trimestre-de-2019>. Acessado em 25/05/2019.

⁶ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alpha_content&Itemid=59. Acessado em 19/05/19.



Evidentemente, o contexto se torna ainda mais hostil para aquele jovem classificado como “nem-nem”, ou seja, que nem estuda ou trabalha, condição que retardará sua inserção no mercado de trabalho.

Isso tudo, aliado a um mercado de trabalho volátil marcado por um processo macroestrutural de recessão econômica, faz com que os jovens entrevistados na pesquisa da FESPSP se disponham a trabalhar em funções ou atividades que podem ser inferiores a sua escolaridade. Entre ter um emprego e estar desempregado há vários modos de ganhar a vida. A flexibilização das relações de trabalho vem modificando os limites entre trabalho e não trabalho, emprego e desemprego. Por isso, vivemos numa época marcada por dilemas de insegurança quanto futuro e ao presente, e que no caso do jovem, e de sua relação com o mercado de trabalho, tal dilema pode ser determinante ao seu insucesso ou ao adiamento de sua inserção.

Do mesmo modo, esse diagnóstico das dificuldades atuais indica a importância da criação e do cumprimento de metas para superar a vulnerabilidade social e os mecanismos de reprodução da desigualdade, a exemplo das metas estabelecidas pela ONU, por meio da Agenda 2030⁷. Ao todo, 17 “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS” compõem esta agenda, aos quais estão filiadas 169 metas, muitas delas abordando especificamente a juventude, a educação e o trabalho. Boa parte destas metas está prevista para 2020, mas a realidade brasileira, ao que consta, não apenas está muito longe de assegurar neste momento, por exemplo, uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, com oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (objetivo 4 da Agenda), como, da mesma forma, está muito aquém da redução substancial da proporção de jovens sem emprego, educação ou formação (uma das metas do objetivo 8).

Este cenário é muito indicativo das dificuldades do país para lidar com a pauta da juventude e de seu futuro, discussão que perpassa diretamente uma reflexão sobre escolaridade, profissão e mercado de trabalho. Portanto, empreender uma análise quanto a atual condição juvenil diante o mundo do

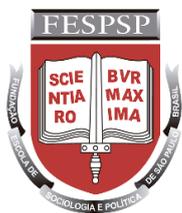
⁷ Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acessado em: 05/05/19.



Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

trabalho é um desafio, principalmente em contextos sociais tão marcados pela desigualdade de oportunidades e pela vulnerabilidade social como em grandes centros urbanos a exemplo da cidade de São Paulo. Encarando tal desafio, a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo apresenta sua contribuição ao debate.



2 OS RESULTADOS DA PESQUISA JUVENTUDE E MERCADO DE TRABALHO EM SÃO PAULO – 2019

A seguir, apresenta-se dos resultados gerais da Pesquisa Juventude e mercado de Trabalho em São Paulo, concebida e aplicada pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. A pesquisa⁸ foi realizada entre 10 e 23 de setembro de 2019, na cidade de São Paulo, com jovens⁹ entre 15 e 29 anos de idade, tendo como objetivo conhecer e refletir sobre a realidade dos mais de 2,5 milhões¹⁰ de jovens paulistanos frente ao mercado de trabalho, seus desafios, e suas expectativas para o futuro. Ao todo, foram 13 (treze) dias de trabalho ao longo das 5 (cinco) regiões da cidade, totalizando 437 (quatrocentos e trinta e sete) questionários aplicados, com 389 (trezentos e oitenta e nove) válidos para composição da amostra e tabulação dos dados. O número alcançado atendeu ao cálculo inicial de 385 (trezentos e oitenta e cinco) como mínimo necessário para se assegurar 95% de nível de confiança e 5% de margem de erro da pesquisa. A seguir, apresentam-se os resultados gerais das respostas dos participantes, os quais foram entrevistados com uma bateria de 46 (quarenta e seis) questões divididas em 5 (cinco) blocos: perguntas filtro, perfil socioeconômico, questões sobre a vida escolar, questões sobre o trabalho/vida profissional, questões sobre o mercado de trabalho.

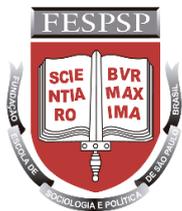
2.1 O perfil de quem participou da entrevista

O respondente da pesquisa é jovem e em sua maioria com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos. Predominaram mulheres. Em relação à cor, 51% são brancos e 43% negros (pretos e pardos), vivem com os pais e 39% não

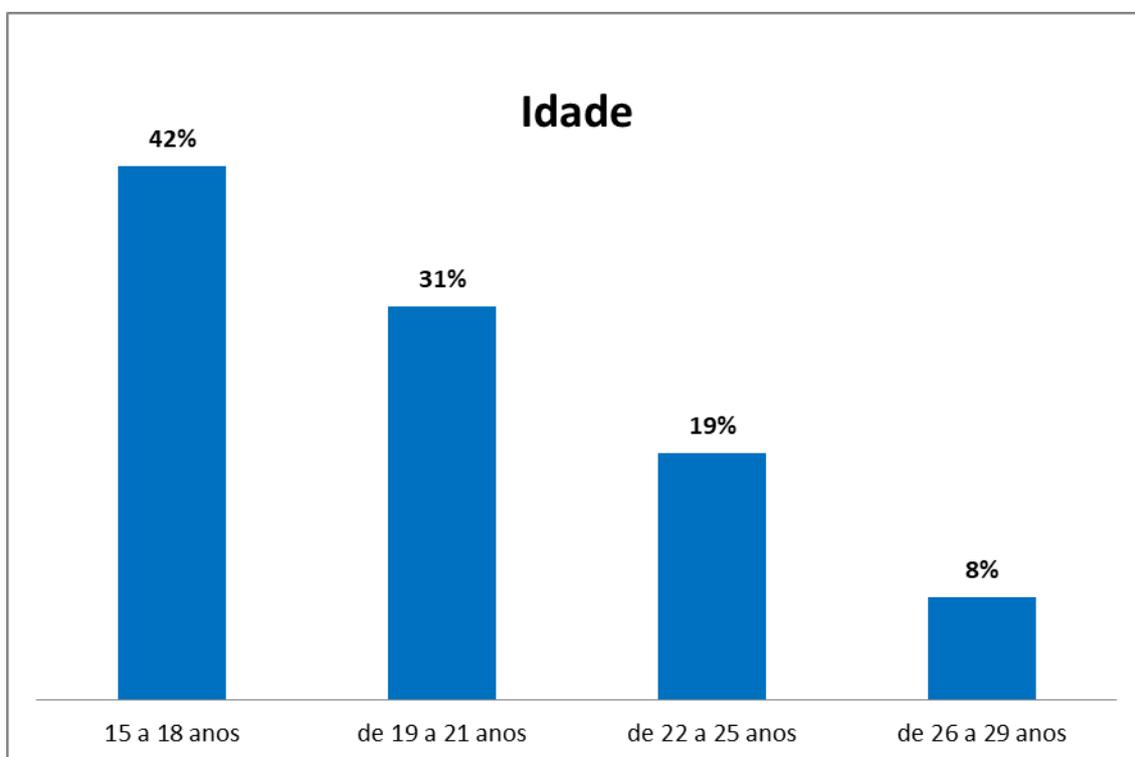
⁸ Os resultados gerais desta pesquisa foram apresentados em 28/10/2019 na abertura do VIII Seminário FESPSP: Juventude, Trabalho e Profissão. Para além dos professores Dr. Paulo Silvino Ribeiro e Dra. Stella C. Schrijnemaekers responsáveis pela apresentação foi promovido um debate com representantes da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo e da Coordenadoria de Políticas para a Juventude da Prefeitura Municipal de São Paulo.

⁹ Conforme aponta o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/13), consideram-se como jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

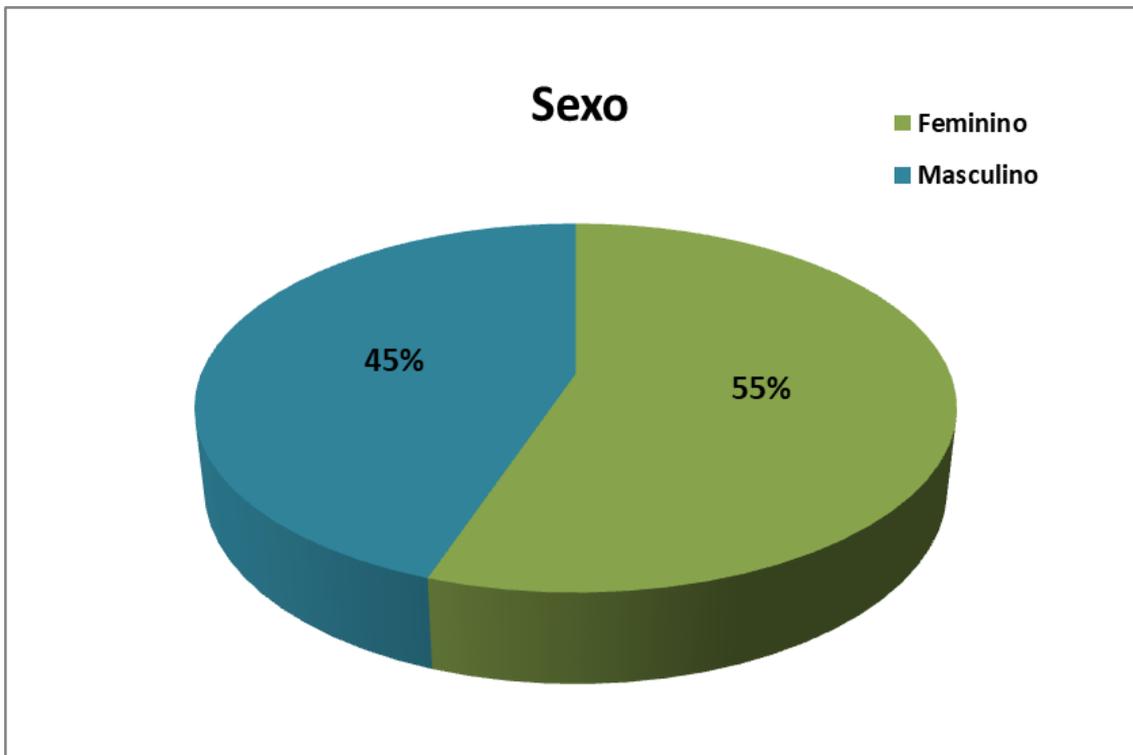
¹⁰ Dado do SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.



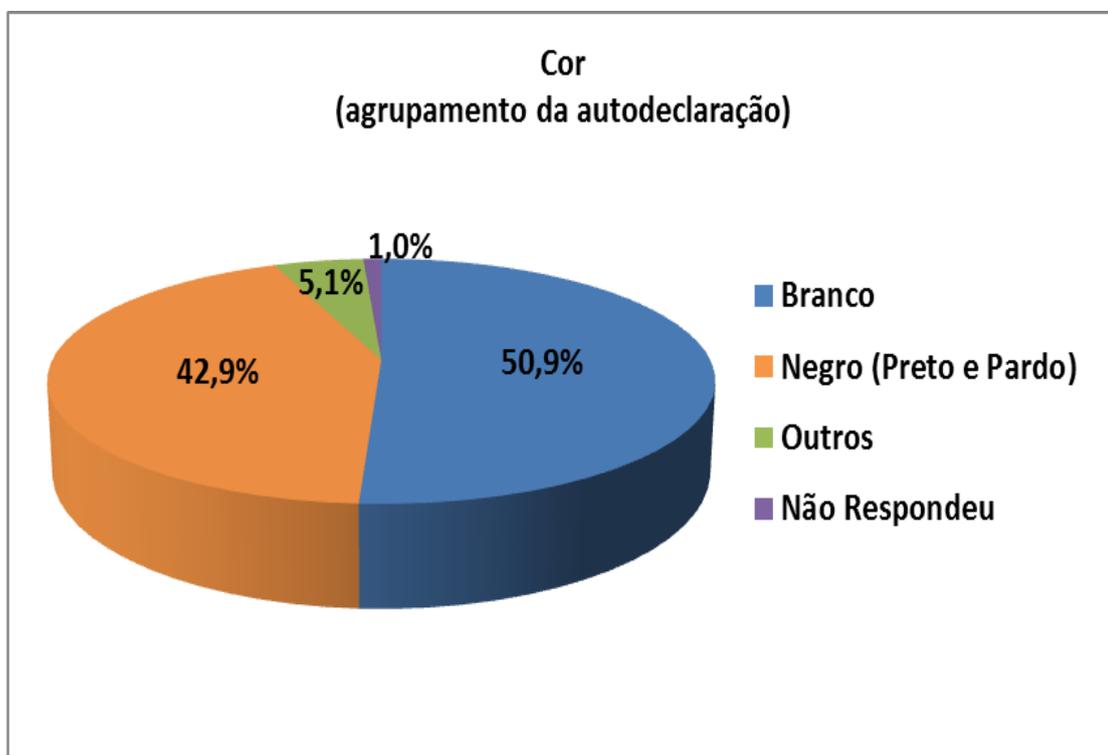
possuem renda. Entre os que possuem renda, 24% ganham entre 1 e 2 salários mínimos. Ao todo, 67% estudam, sendo que 30% possui Ensino Médio completo, 25% Ensino Médio incompleto, 6% Ensino Superior Completo e 28% Ensino Superior incompleto. Na comparação da formação escolar dos indivíduos considerando a cor, os brancos tem maior escolaridade, principalmente em termos de Ensino Superior e Ensino Técnico Profissionalizante, o que significa vantagem em termos de competição por vagas no mercado.



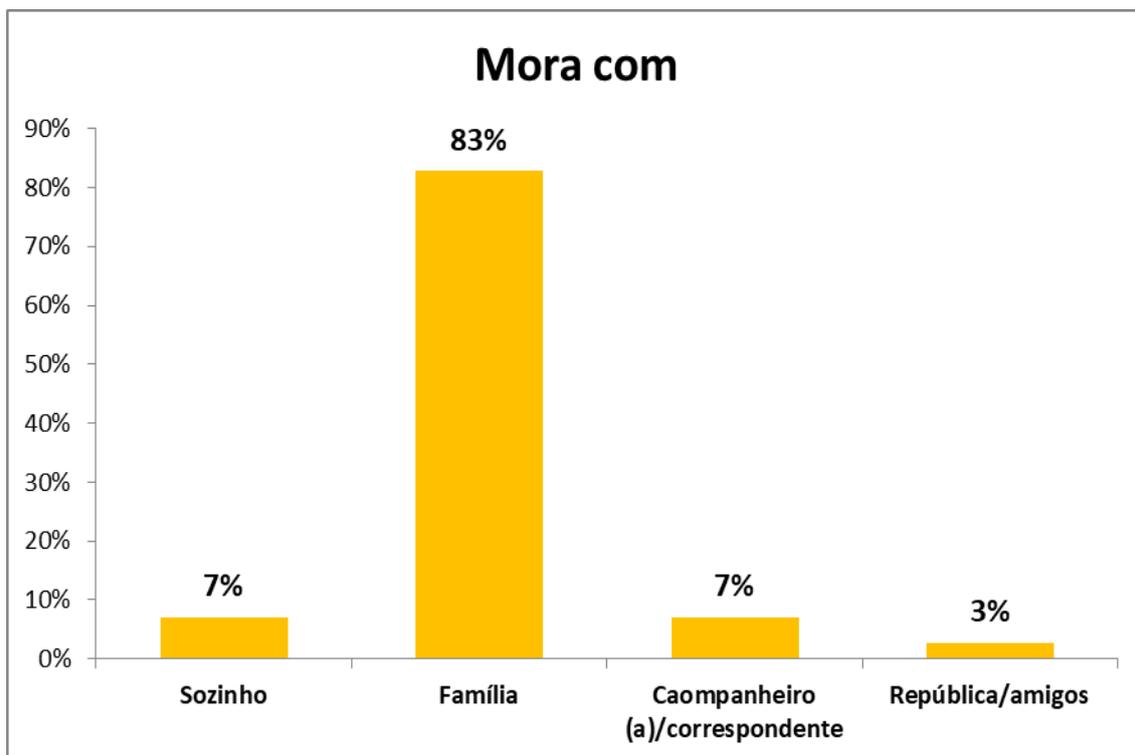
Fonte: Dados da Pesquisa.



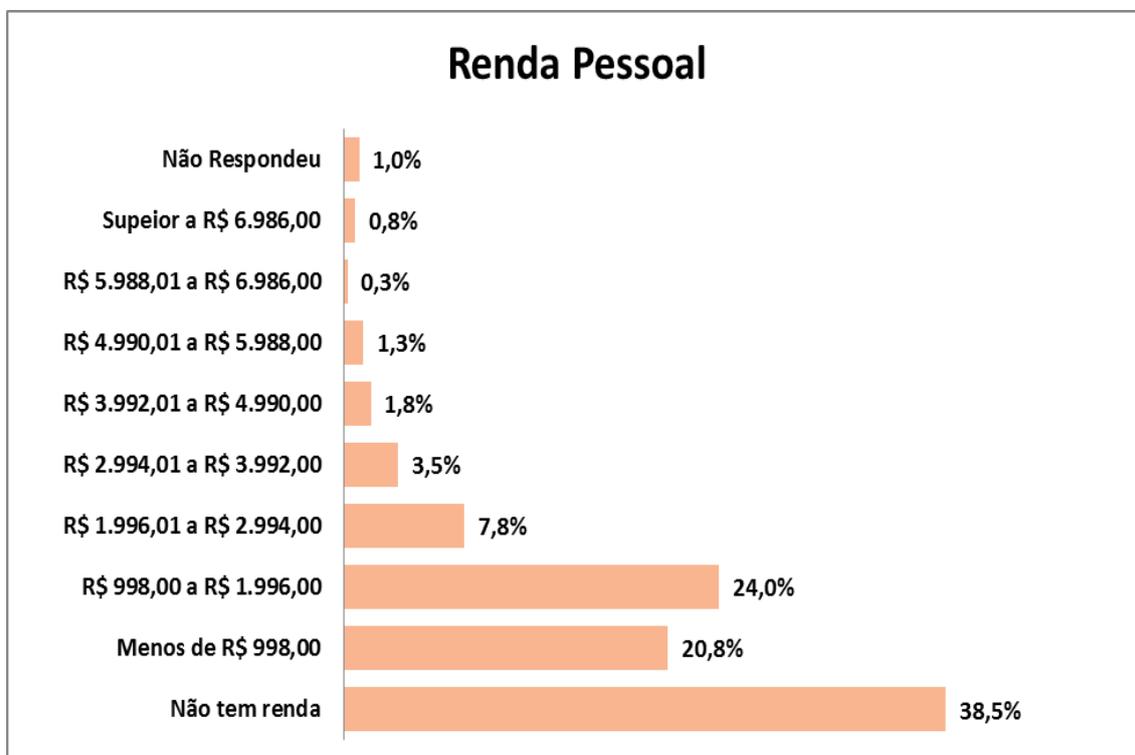
Fonte: Dados da Pesquisa.



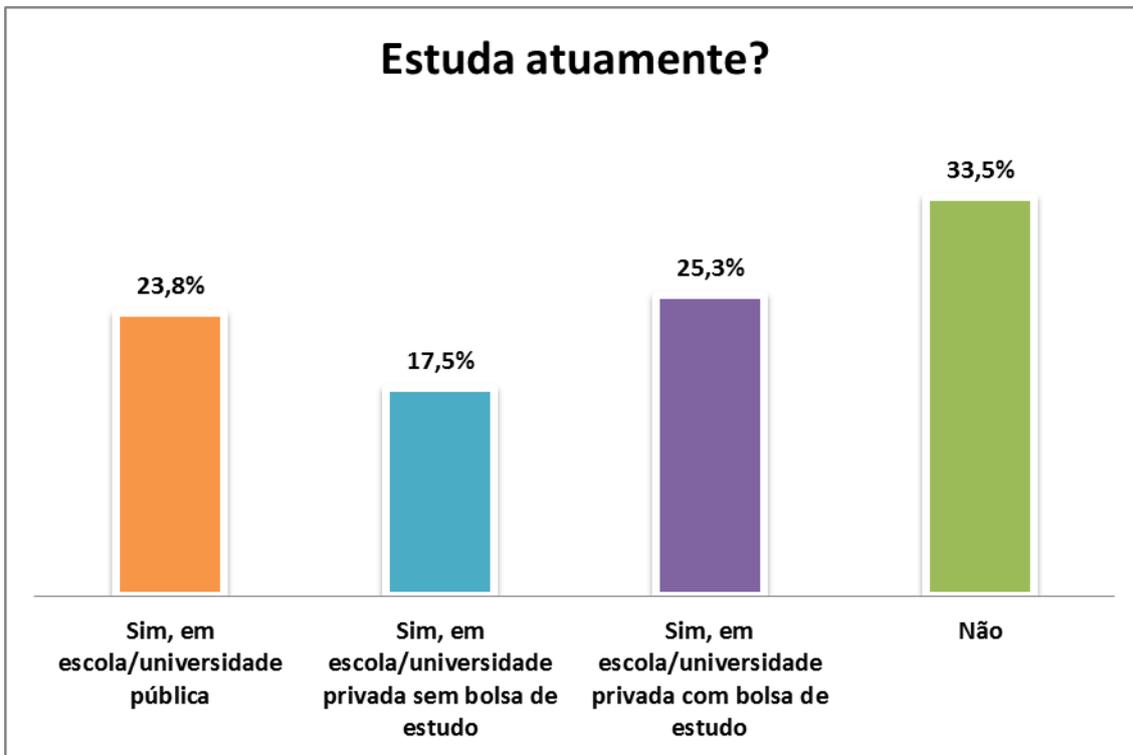
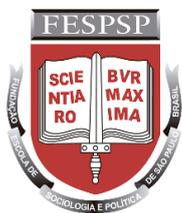
Fonte: Dados da Pesquisa.



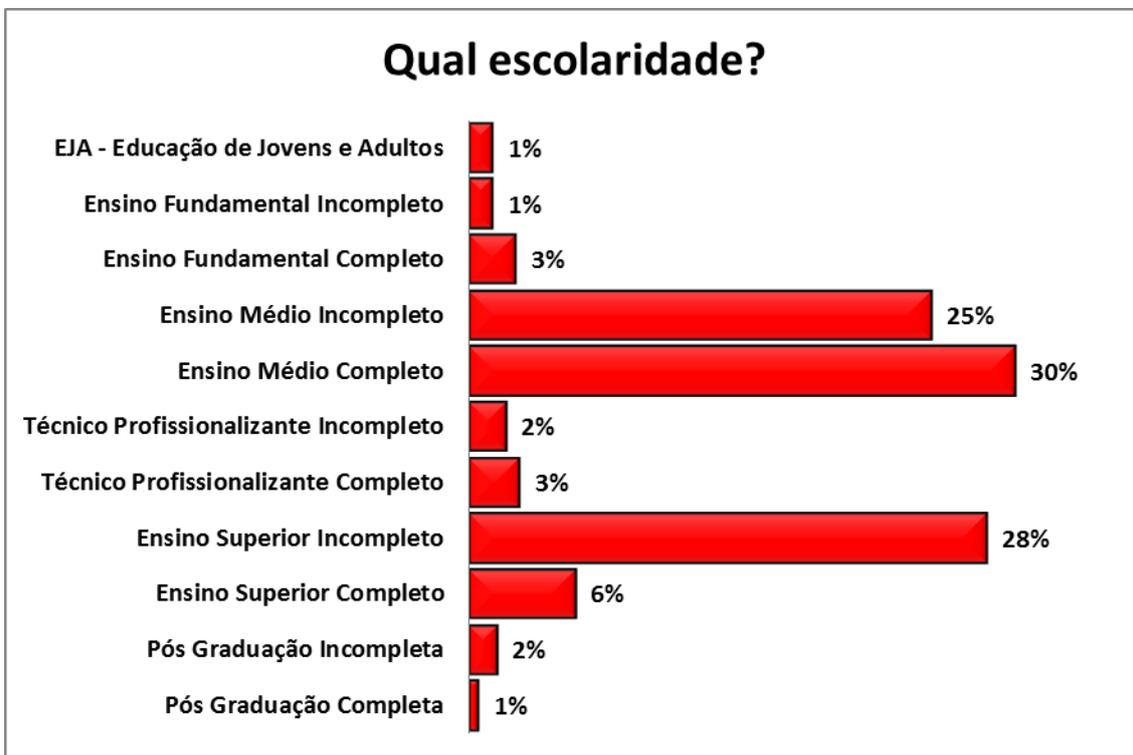
Fonte: Dados da Pesquisa.



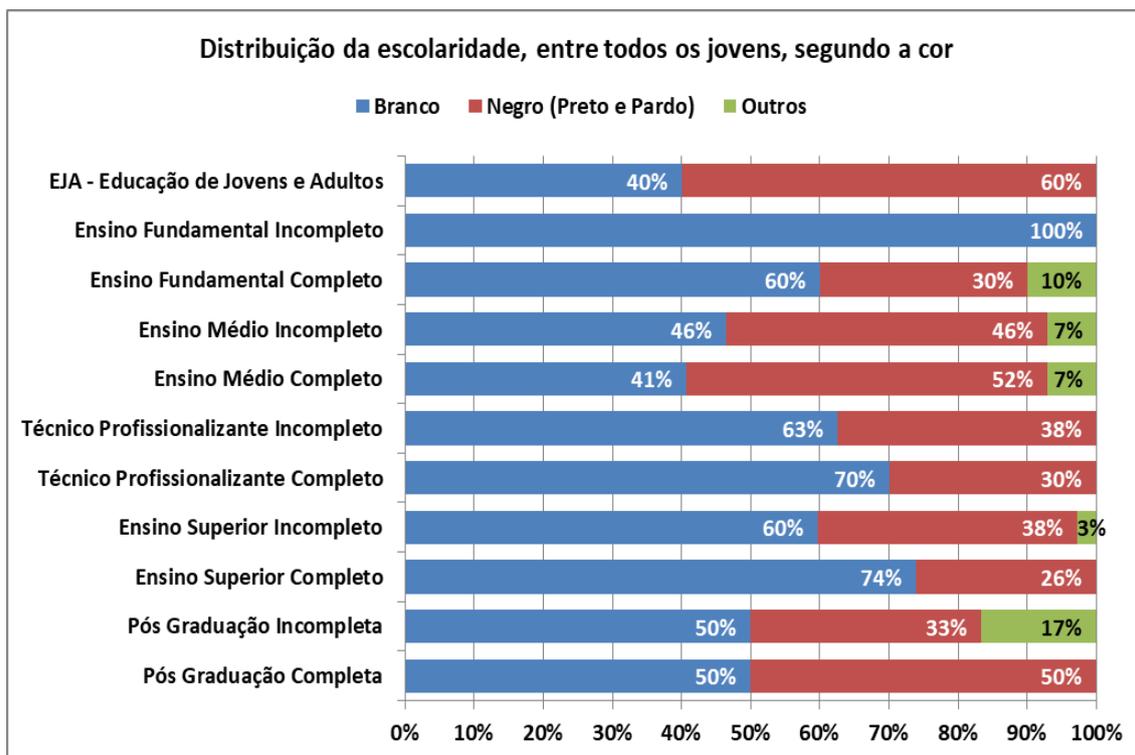
Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



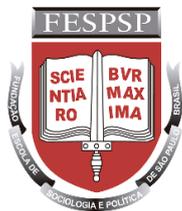
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.2 A vida profissional/trabalho

Dentre as principais contribuições desta pesquisa está a análise sobre a vida profissional e as atividades de trabalho do jovem que vive ou mora na capital paulista. Destaca-se, entre outros dados, que 30,5% dos jovens de 15 a 29 anos estavam desempregados em setembro de 2019. Na comparação com outras pesquisas empreendidas por importantes instituições no mesmo período, o percentual aferido pela pesquisa da FESPSP está muito próximo destas leituras. Ao se considerar a análise empreendida pela PNAD¹¹ Contínua também no 3º semestre de 2019¹², na cidade de São Paulo a taxa de desocupação (ou de desemprego) de pessoas entre 18 e 24 anos alcançava 29,5%. Embora esse recorte na faixa etária seja menor que o público alvo da

¹¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, realizada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹² Os dados estão disponíveis em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4094#/n1/all/n6/all/v/4099,4110/p/201903/c58/100052/d/v4099%201,v4110%201/v.p+c58,t/resultado>. Acessado em 16/03/2020.



pesquisa da FESPSP (de 15 a 29 anos), chama atenção a proximidade dos valores, principalmente ao se considerar dois pontos:

- a) Aproximadamente, 60% da amostra da pesquisa da FESPSP foi composta por jovens de 18 a 24 anos;
- b) Na amostra coletada, os jovens entre 18 e 24 anos representam 67% dentre os que estão procurando emprego e 52% entre os que afirmam não estarem trabalhando.

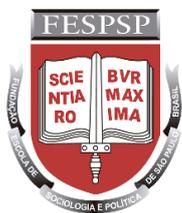
Do mesmo modo, neste mesmo levantamento da PNAD Contínua, conforme apontou o IPEA¹³ através de sua publicação periódica Carta de Conjuntura¹⁴, no 3º semestre de 2019 a taxa de desemprego para jovens de 18 a 24 anos no Brasil foi de 25,7%. Ao se levar em conta a margem de erro de 5 pontos percentuais (para mais ou para menos), o valor de 30,5% poderia chegar a 25,5% (apenas 0,2 pontos percentuais abaixo), aproximando-se da realidade nacional.

Segundo o Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo apresentado em 2014 pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo, a taxa de desocupação dos jovens de 15 a 29 anos na cidade em 2010 era de 12,4%. Na comparação com que a pesquisa da FESPSP (e com a pesquisa da PNAD Contínua citada), constata-se que em menos de 10 anos este percentual de desemprego entre os jovens mais que dobrou, indicando piora considerável na condição do jovem diante do mercado de trabalho.

Dentre os jovens entrevistados que disseram não estarem trabalhando, 39% nunca trabalharam, o que significa que ainda não tiveram experiência, algo tão cobrado pelos empregadores segundo a própria percepção dos jovens entrevistados ao serem questionados sobre as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Estudos comprovam esta percepção dos jovens sobre a experiência como fator determinante à participação no mercado de trabalho

¹³ IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

¹⁴ Ver: IPEA. Carta de Conjuntura. Brasília: IPEA, N. 46, 1T2020. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200312_cc_46_mercado_de_trabalho.pdf. Acessado em 19/03/2020.



(NEVES, *et al.*, 2015; POCHMANN, 2000), o que leva à conclusão de que aproximadamente 4 em cada 10 jovens que moram ou vivem em São Paulo e que estão sem trabalhar terão maiores dificuldades para competirem por uma vaga pelo fato de nunca terem trabalhado.. Essa maior dificuldade pode em parte ser resultado do adiamento da inserção no mercado, adiamento este já constatado como fenômeno desde a virada do século XX para o XXI, como também pelas condições sócio econômicas em que o país se encontra com crescimento econômico quase nulo.

. Enquanto fenômeno social, esse adiamento pode ser explicado por vários motivos. Para além da questão da falta de experiência do jovem e dificuldade de inserção no mercado pelas transformações dos processos produtivos que reclamam cada vez mais por mão de obra qualificada, há mudanças de natureza cultural no processo de transição à vida adulta que também estão em jogo (TOMAS, 2008), o que explicaria, por exemplo, a ampliação da faixa etária considerada jovem para até 29 anos de idade.

Por outro lado, muitos jovens superaram a questão da experiência¹⁵ ou tampouco estão adiando sua inserção no mercado de trabalho, ao contrário. Deve-se destacar na pesquisa da FESPSP que a grande maioria dos jovens que trabalha já está, pelo menos, no segundo emprego, pois 83% afirmam ter trabalhado anteriormente a pesquisa. Apenas 17% estão em suas primeiras experiências de inserção no mercado de trabalho. Isso é interessante pois parece apontar para um rotatividade não desprezível em pessoas que estão inseridas a pouco tempo no mercado de trabalho.

A pesquisa também apresentou conclusões importantes acerca dos jovens que estão ocupados os quais representam, ao todo, 54,5% dos entrevistados. Na comparação com o Mapa da Juventude da cidade de São Paulo (2014), estavam empregados em 2010 um total de 68,4% dos jovens, o que indica uma queda de, aproximadamente, 14 pontos percentuais ao longo da última década. Ainda entre os jovens que trabalham 20,2% afirmaram

¹⁵ Contudo, como se verá mais a frente nesta análise, a falta de experiência ainda é considerada pelos jovens como um dos fatores mais significativos enquanto dificuldade para se encontrar uma vaga de emprego.



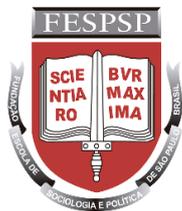
terem mais de um emprego ou atividade remunerada, porém, na condição de freelance/bico ou assalariado sem registro em carteira. Apenas 0,5% têm mais de um emprego com carteira assinada. A pesquisa da FESPSP também constatou que maioria dos que estão trabalhando é branca (53%) e 42% dos entrevistados são negros. Dos que trabalham 54% são mulheres e 46% homens.

Ainda entre os jovens que estão sem trabalho, apenas 35,4% já trabalharam com carteira assinada, contra 59,5% que nunca tiveram registro. Tais dados são importantes, pois mostram que dentre os jovens sem trabalho 35,4% pelo menos já tiveram alguma experiência de trabalho, com carteira assinada, inclusive. Esse dado contradiz a ideia veiculada de que ter uma experiência anterior pode segurar alguém no mercado de trabalho, uma vez que mais de um terço dos desempregados, ou seja, 1 em cada 3 jovens não ocupados tem experiência de trabalho anterior. Entre os jovens que estão trabalhando, 64% já trabalharam com carteira assinada em algum momento (antes ou no momento da pesquisa).

Quando os jovens apontam suas atividades profissionais, atuais ou anteriores a pesquisa, 42,8% apontam exercer (ou ter exercido) funções como assalariados (com registro) ou funcionários públicos, e os demais se distribuem entre freelance/bico, estagiário, autônomo (sem registro em carteira) e assalariado (sem registro em carteira).

Considerando-se estes dados, algumas conclusões se destacam: a) em primeiro lugar, o número de jovens sem carteira assinada é consideravelmente alto, pois menos da metade de todos os jovens respondentes (42,8%) trabalha ou já trabalhou com carteira assinada, o que indica expressivo nível de informalidade. Depreende-se que quase 60% de todos eles nunca tiveram emprego formal; e, b) se o número de jovens que está trabalhando e que tiveram carteira assinada em algum momento é de 64%, isso significa que 36% dos que trabalham estão ou já estiveram sem carteira assinada.

Estes dados quando comparados ao que foi aferido pelo Mapa da Juventude da cidade de São Paulo (2014) denotam piora considerável do nível de empregos formais entre os jovens paulistanos na última década. Segundo



este documento produzido pela prefeitura da capital paulista, o percentual de jovens com emprego formal em 2010 era de 80,4%, ou seja, muito superior ao que constatado pela pesquisa da FESPSP (64%). Como se sabe, nos últimos anos grandes centros urbanos como São Paulo tem assistido um aumento considerável da precarização do trabalho, aumentando a informalidade que atinge expressiva parte da classe trabalhadora, constituindo o processo denominado de “uberização”¹⁶. Este processo (consequente do desenvolvimento de novas plataformas tecnológicas de prestação de serviços) aliado à escassa oferta de oportunidades de empregos (principalmente em tempos de crise) e à demanda por mão de obra cada vez mais qualificada para os melhores postos, corroboram a piora da inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho formal, em especial, do jovem.

Mas se a formalização da atividade de trabalho parece ser um desafio, a permanência no emprego também é. Como aponta uma publicação feita pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, além “da informalidade e do desemprego, os jovens enfrentam alta rotatividade no mercado de trabalho [Tradução nossa]” (NOVELLA et al., 2018, p.83). Ou seja, a informalidade somada ao desemprego não são os únicos flagelos que se impõem aos mais jovens, mas também a rotatividade. Isto é o que também foi possível constatar na pesquisa da FESPSP. Pouco mais de 1/3 dos jovens que trabalham (34%) disseram que exercem (ou exerceram) a atividade a menos de 6 (seis) meses e 19% entre 6 (seis) meses e 1 (um) ano. Logo, somando-se estes dois grupos, mais da metade (53%) dos jovens estão (ou estiveram) há menos de 1(um) ano no trabalho, o que sugeri haver rotatividade considerável na ocupação das vagas na cidade de São Paulo.

Também entre as questões aplicadas aos jovens participantes estavam aquelas que desejam conhecer a relação destes com seus empregos, seja em termos da compatibilidade de suas respectivas formações com suas funções, seja como se relacionam com o ambiente. Para 64% dos que estão

¹⁶ Para saber mais, veja: SLEE, Tom. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017.



trabalhando a atividade que exerce é compatível com a formação escolar, porém, 29% afirmaram que exercem atividade inferior à escolaridade que possuem. Quanto à relação do jovem com seu ambiente de trabalho, a pesquisa da FESPSP concluiu que 30% dos que trabalham ou já trabalharam sofreram algum tipo de constrangimento. Destes, 59% são mulheres e 45% negros. Dentre os que sofrem ou sofreram constrangimento e que indicaram o motivo, 24.4% são homossexuais ou pan/bissexuais. Dentro deste grupo, 37% afirmam que o constrangimento esteve ligado à sua sexualidade, seu gênero, sexo, ou à sua vestimenta. Considerando-se o total dos que são ou foram constrangidos, constata-se que 63% tem entre 15 e 21 anos.

Na mesma bateria de questões sobre a vida profissional/trabalho foram consideradas perguntas para que o jovem pudesse expressar sua opinião sobre o que é mais importante ao estar trabalhando e qual a importância (em termos de finalidade) do trabalho em suas vidas. Para 50,5% o mais importante é fazer o que gosta, independente de carteira assinada e de --salário. Por outro lado, chama atenção o fato de que para 33,8% o mais importante é ter um trabalho com carteira assinada, com bom salário, e para 4,5% é ter um trabalho com carteira assinada, mesmo que com baixo salário. Logo, para 38,3% o mais importante é ter carteira assinada, o que pressupõe uma preocupação maior deste grupo em ter uma relativa estabilidade, preferindo a carteira assinada aos riscos do empreendedorismo. Estes números aferidos pela pesquisa da FESPSP são interessantes na medida em que se pode comparar com uma pesquisa empreendida pela Fundação Telefônica Vivo realizada em 2018 e intitulada *Juventude conectada - edição especial: empreendedorismo*¹⁷. Neste trabalho, aferiu-se que 26% dos jovens entrevistados (em todo o país) prefeririam ser empregados ou funcionários de uma empresa a ter um negócio próprio, se pudessem. Mesmo entre aqueles que se consideram empreendedores, 30% preferem ser empregados de uma

¹⁷ Esta pesquisa da Fundação Telefônica Vivo não se focou na cidade de São Paulo, mas avaliou a percepção da juventude diante o tema do empreendedorismo nas 5 regiões brasileiras. Guardadas as devidas proporções, bem como se considerando as especificidades regionais e demais observações metodológicas que possam denotar diferenças entre tal pesquisa e esta realizada pela FESPSP, é possível empreender uma ligeira comparação, seja pela abordagem temática similar, seja por ter o mesmo público alvo: jovens entre 15 a 29 anos.



empresa, “empreendendo agregando valor ao negócio de um terceiro” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO, p.49, 2018). Logo, ao se comparar ambas pesquisas, denota-se que aproximadamente 1/3 dos jovens preferem carteira assinada, ainda que venham a empreender internamente a empresa, através do chamado “intraempreendedorismo” (Ibidem, p.49). Ao se considerar os níveis de desemprego geral registrados, bem como uma conjuntura de difícil recuperação econômica neste íterim de 2018 a 2019, tais variáveis podem explicar, hipoteticamente, o nível mais alto de rejeição ao empreendedorismo como forma de renda pelos jovens paulistanos aferido na pesquisa da FESPSP (38,3%), conforme apresentado, em comparação ao registro nacional da Fundação Telefônica Vivo no estudo concluído um ano antes¹⁸.

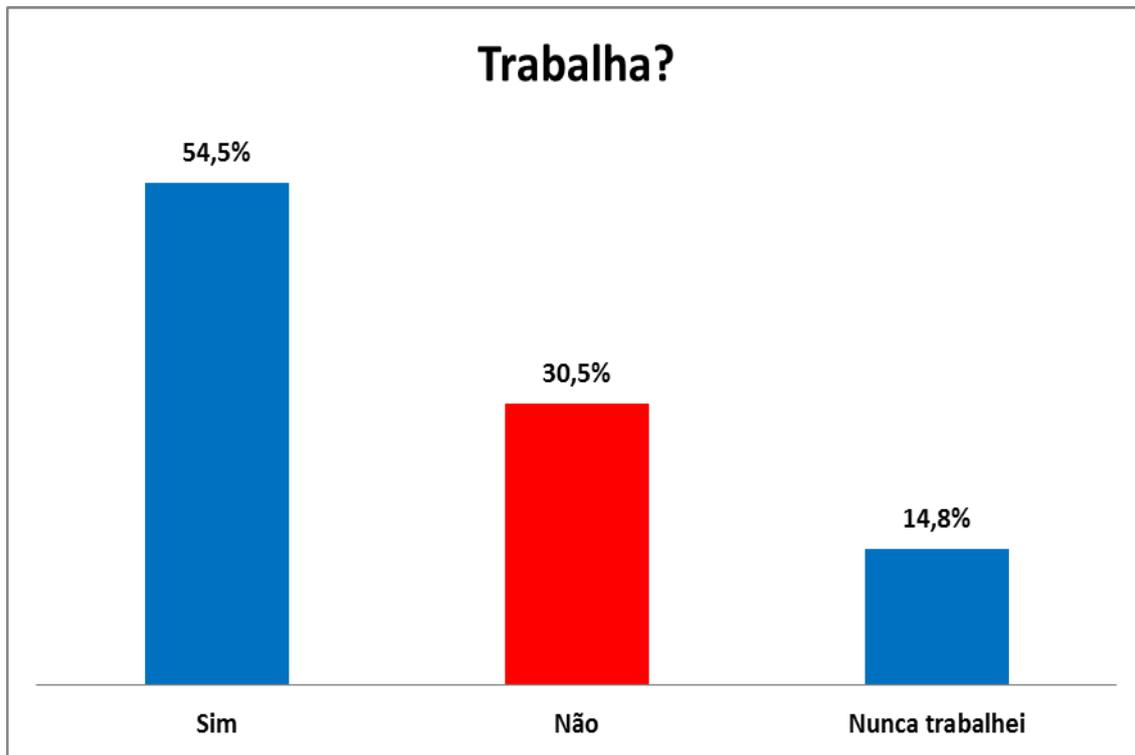
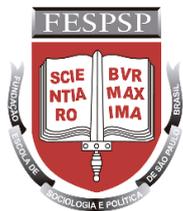
No tocante à importância ou finalidade do trabalho, para 34,8% dos jovens ouvidos pela pesquisa da FESPSP trabalhar é importante para manter os gastos individuais e poupar no futuro. Já para 28,5% o trabalho é importante para ajudar, ainda que parcialmente, a família com gastos de casa. Ao pensar no futuro, 54% dos jovens que estão trabalhando acreditam que a chance de estarem empregados com carteira assinada daqui 5 (cinco) anos é alta (39%) ou muito alta (15%), o que sugere otimismo e valorização da atividade com registro em carteira. Se lembrarmos que boa parte desses jovens que estão trabalhando já tiveram registro, é possível aferir que entendem o momento sem registro não como uma mudança estrutural no mercado de trabalho, mas sim, como uma contingência momentânea que será contornada em médio prazo. Por outro lado, 25% tem uma posição que pode ser considerada neutra, pois acredita que a chance disso acontecer não é nem baixa, nem alta. Quando se considera a resposta de todos os jovens (que trabalham ou não) para esta mesma pergunta sobre as possibilidades de trabalho registrado no futuro o otimismo sobe para 57%, pois 42% afirmam ser alta e 15% muito alta a chance de estar empregado com carteira assinada daqui 5 (cinco) anos. Contudo, para 26% dos respondentes a chance não será nem baixa, nem alta. Pode-se daí entender que quase 6 em cada 10 jovens são otimistas em relação ao futuro.

¹⁸ O estudo citado foi apresentado em agosto de 2018. Ver mais informações em: <http://fundacaotelefonica.org.br/acervo/juventude-conectada-edicao-empendedorismo/>.

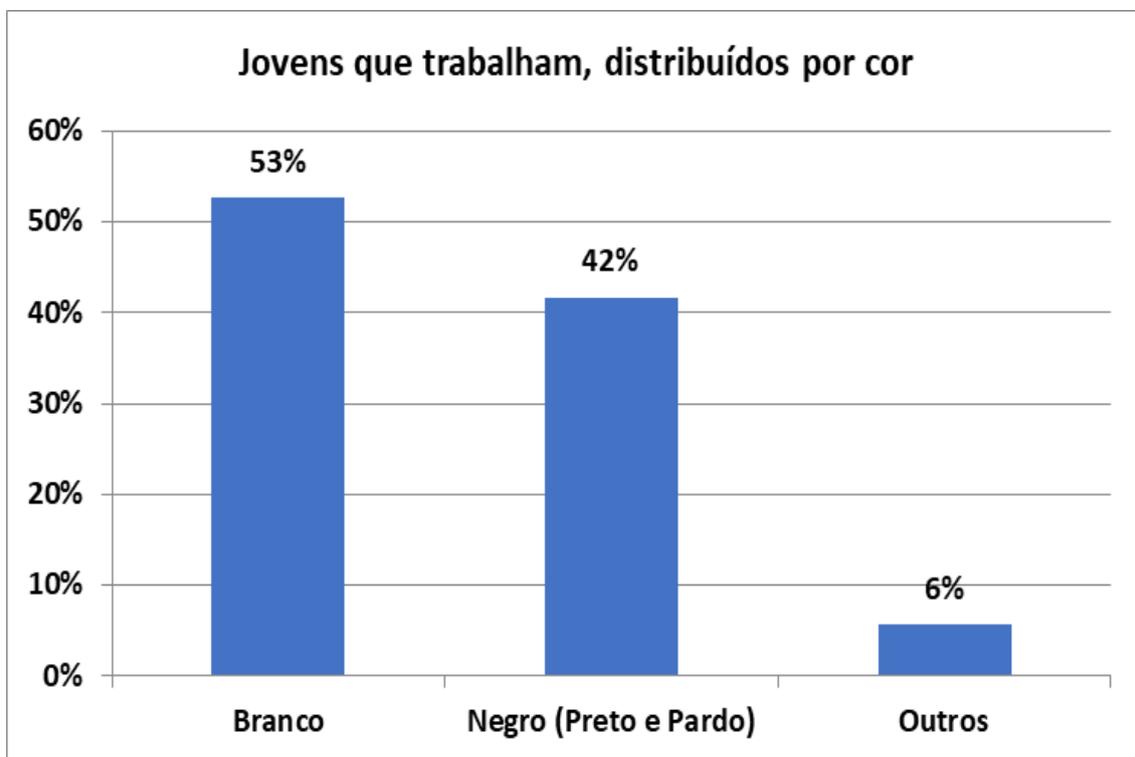


Para 53% dos jovens que trabalham, em termos de competitividade e nível salarial, daqui 5 (cinco) anos o mercado estará pior ou muito pior, o que denota pessimismo ou um entendimento que separa a sua atuação particular (com a maioria se vendo positivamente com carteira assinada) da estrutura do mercado (o mercado estará pior) . É como se o jovem observasse uma estrutura negativa, mas olhasse para si mesmo e sua atuação como positivos e com capacidade de contornar essa estrutura desfavorável. Já para 24% nem pior, nem melhor. Na opinião de todos os jovens (que trabalham ou não), para 49% o mercado estará pior ou muito pior em termos de competitividade e nível salarial, enquanto que 26% não acreditam em mudanças, pois responderam que o mercado estará nem pior, nem melhor.

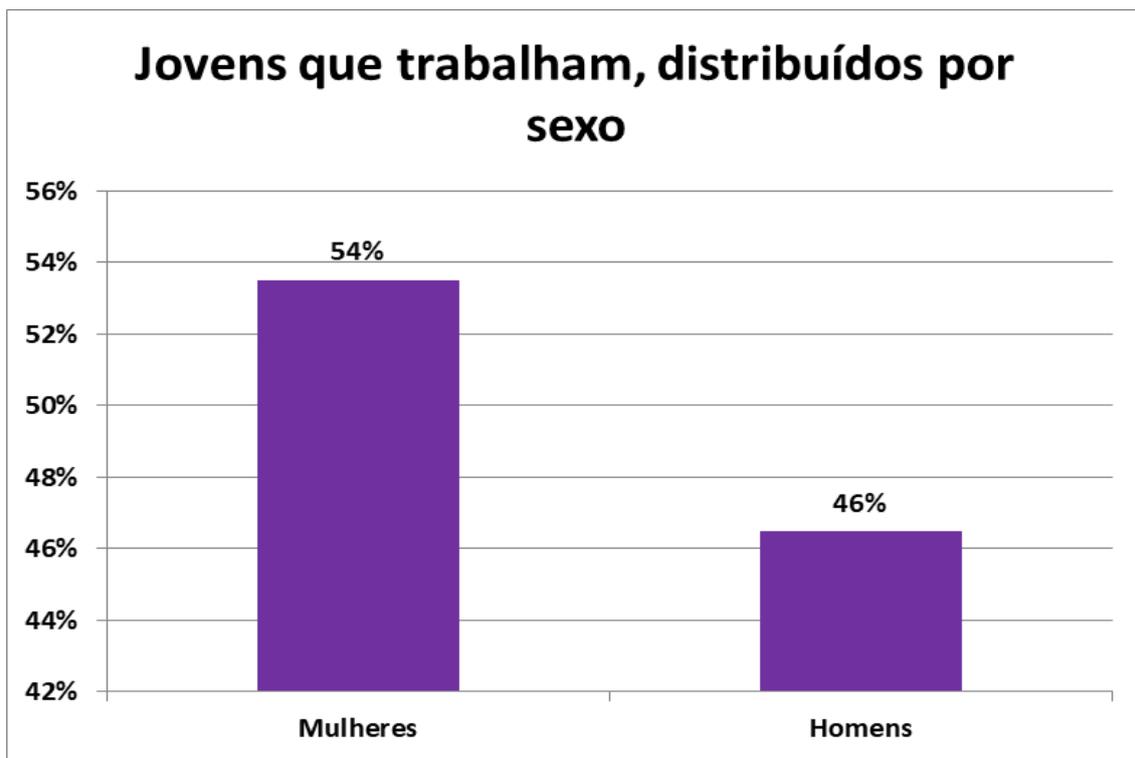
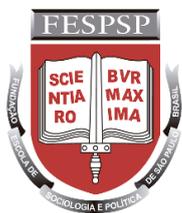
Ao se analisar as respostas para estas duas questões sobre expectativas quanto ao futuro, tanto o grupo dos jovens que trabalham, como a amostra total formada por todos respondentes (que trabalham ou não), deram respostas similares. Em ambos os grupos também se denota a contradição entre o que pensam sobre suas possibilidades pessoais de obter trabalho com carteira assinada (pois são otimistas quanto às chances de isso se concretizar) e o que esperam do mercado (haja vista o pessimismo sobre as condições de disputa por uma vaga e nível de remuneração). Ou seja, os jovens indicam serem otimistas com relação ao que parece depender apenas de si mesmos, e pessimistas com relação ao que depende de situações conjunturais ou do próprio mercado.



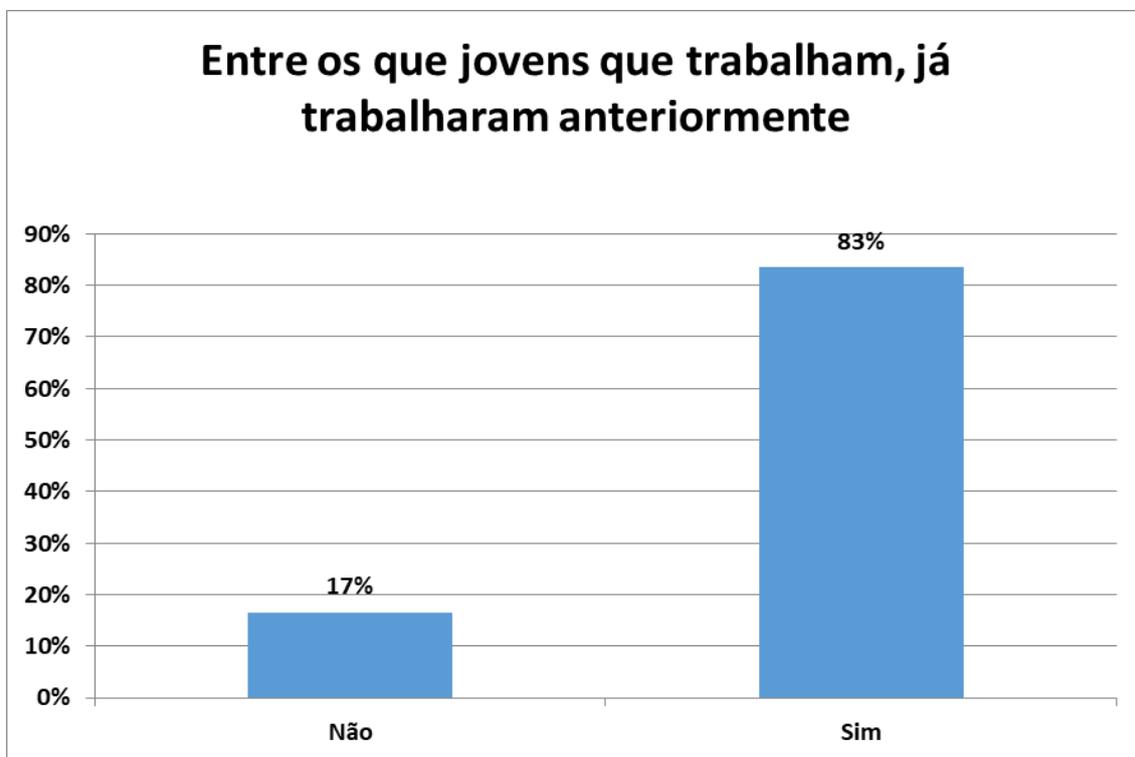
Fonte: Dados da Pesquisa.



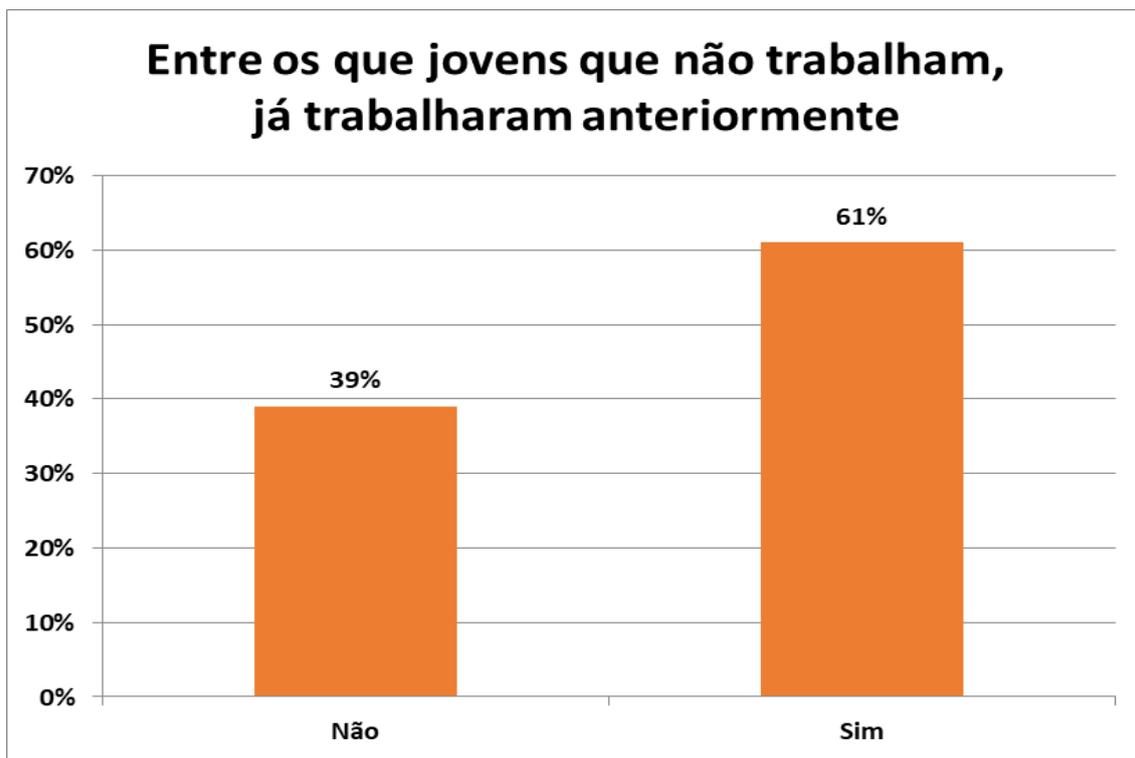
Fonte: Dados da Pesquisa.



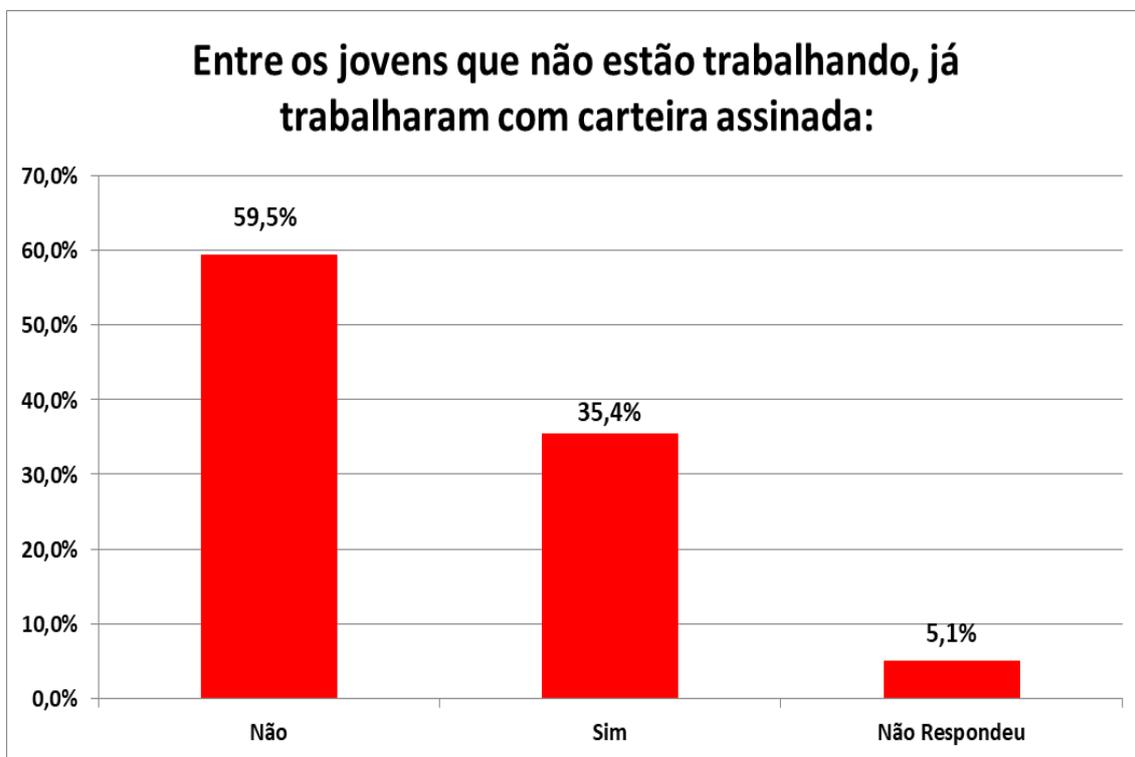
Fonte: Dados da Pesquisa.



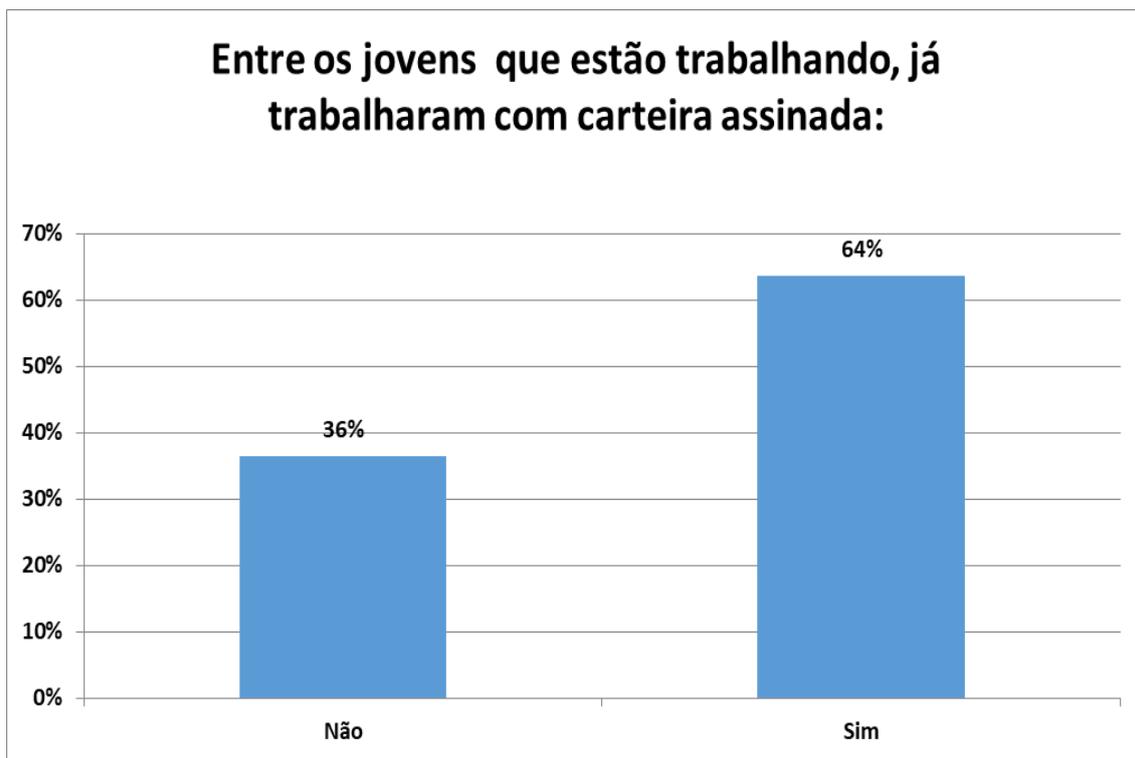
Fonte: Dados da Pesquisa.



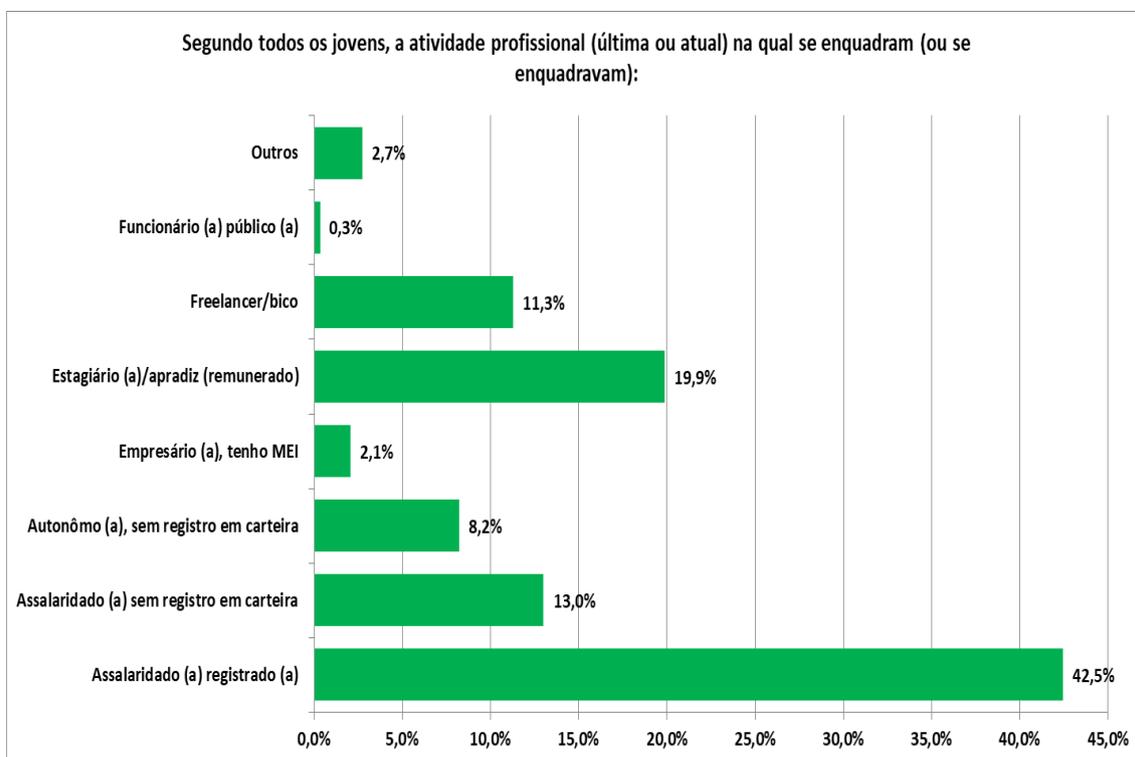
Fonte: Dados da Pesquisa.



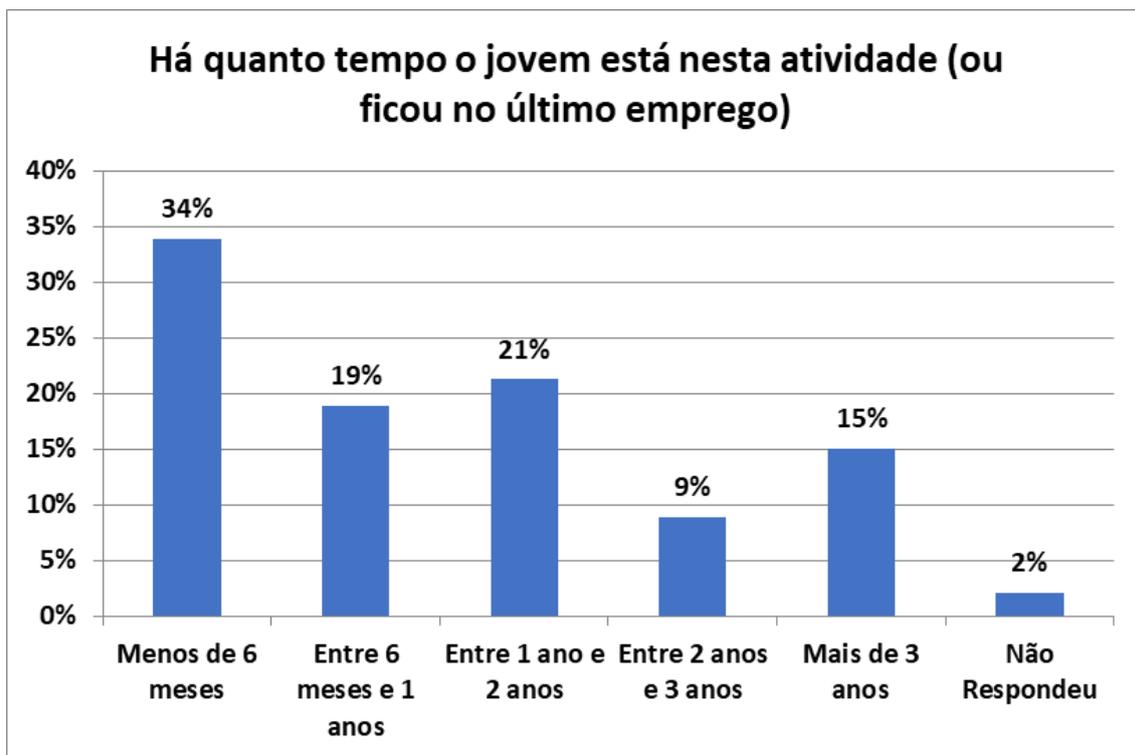
Fonte: Dados da Pesquisa.



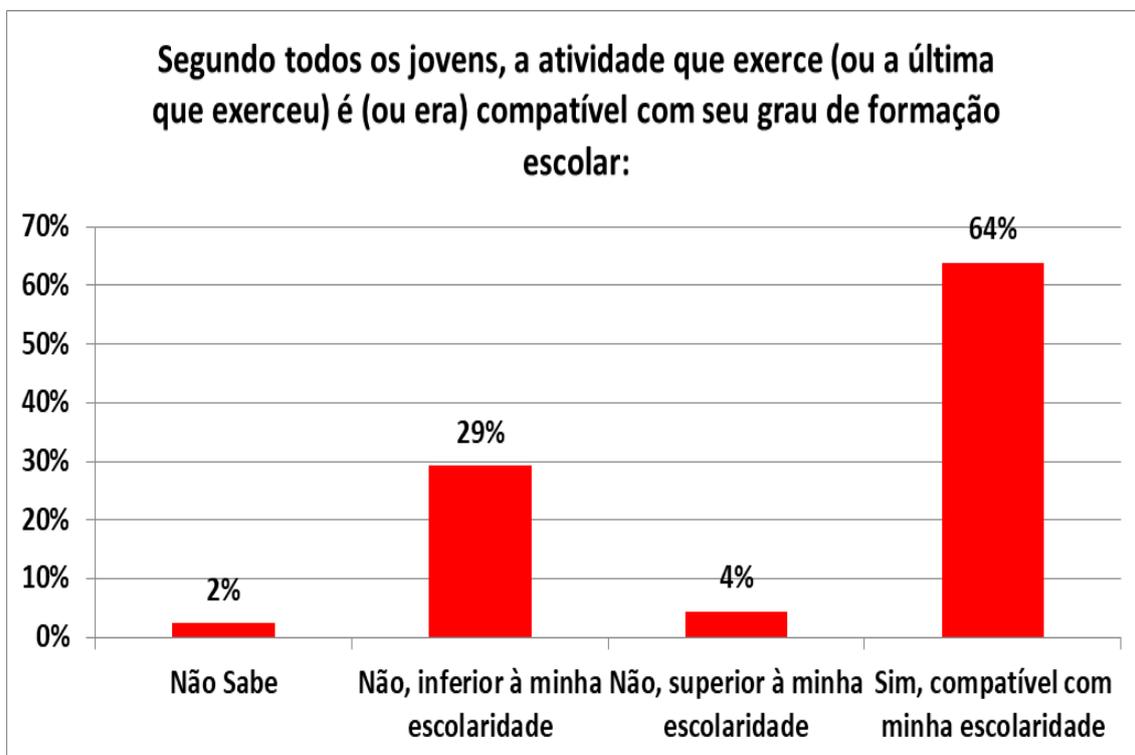
Fonte: Dados da Pesquisa.



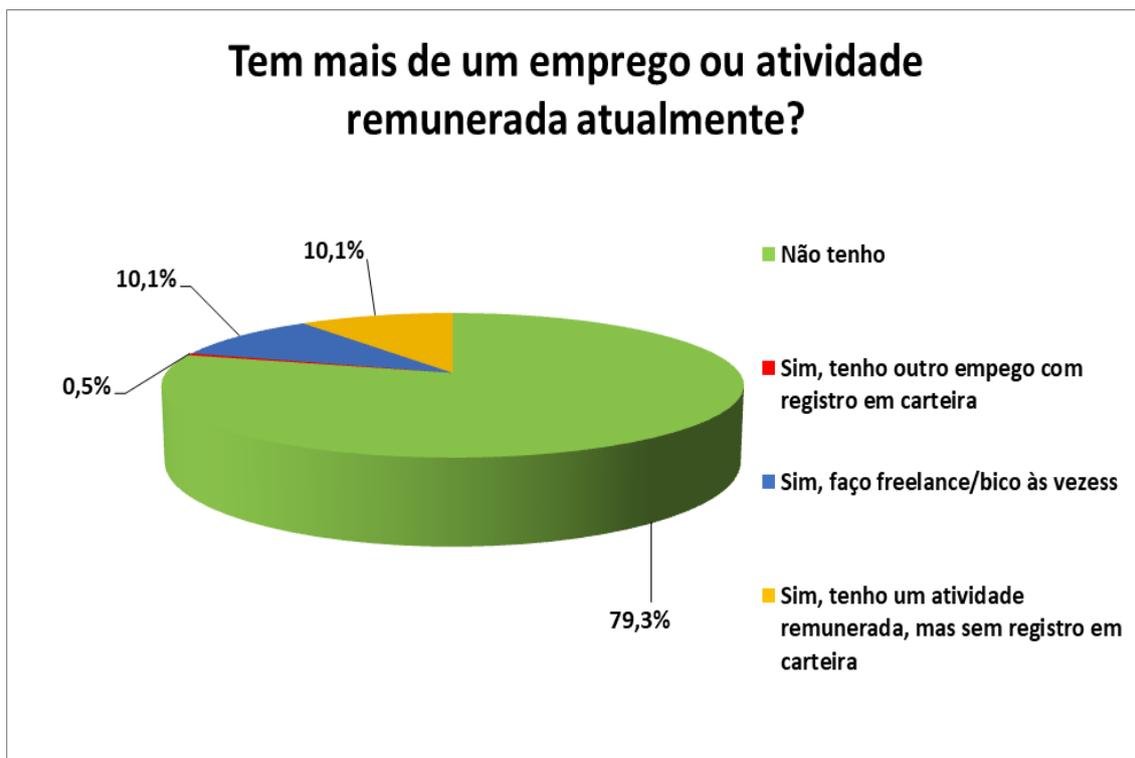
Fonte: Dados da Pesquisa.



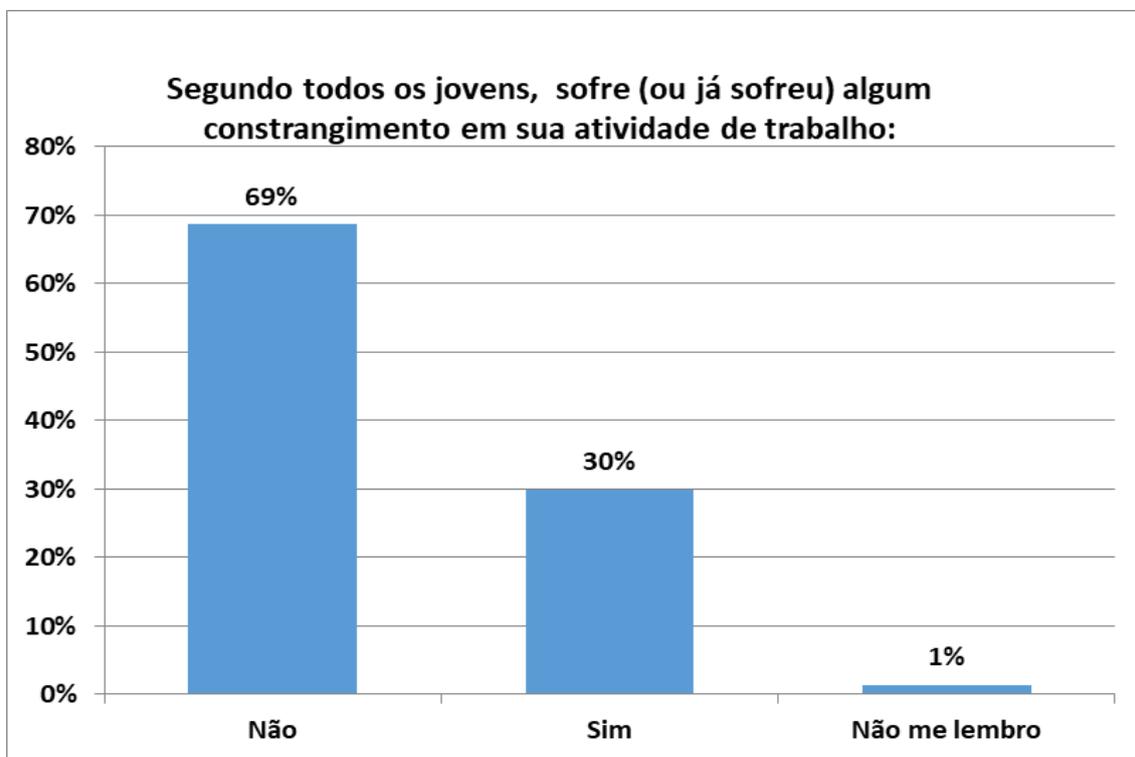
Fonte: Dados da Pesquisa.



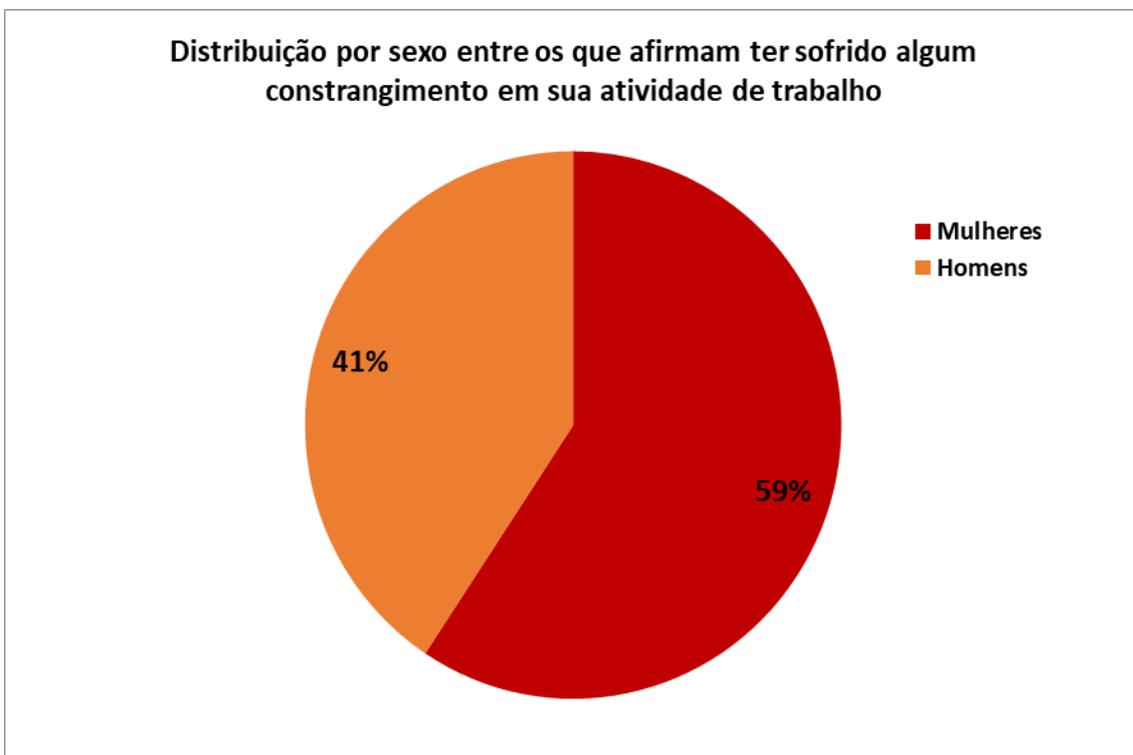
Fonte: Dados da Pesquisa.



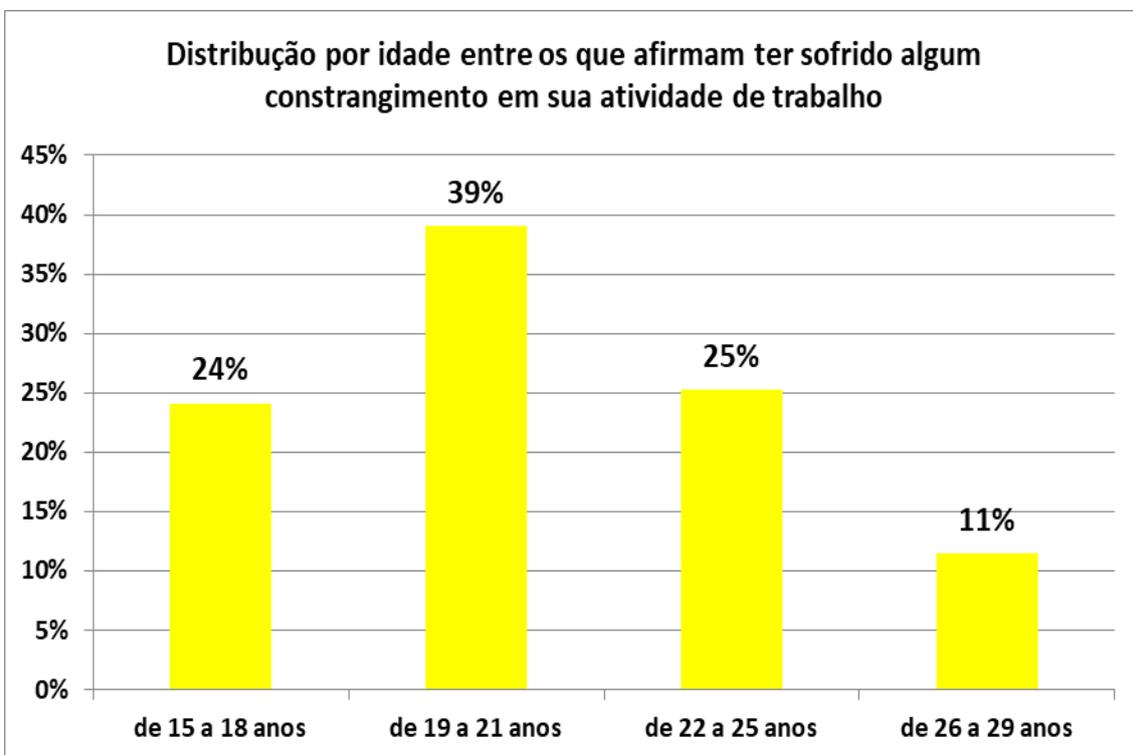
Fonte: Dados da Pesquisa.



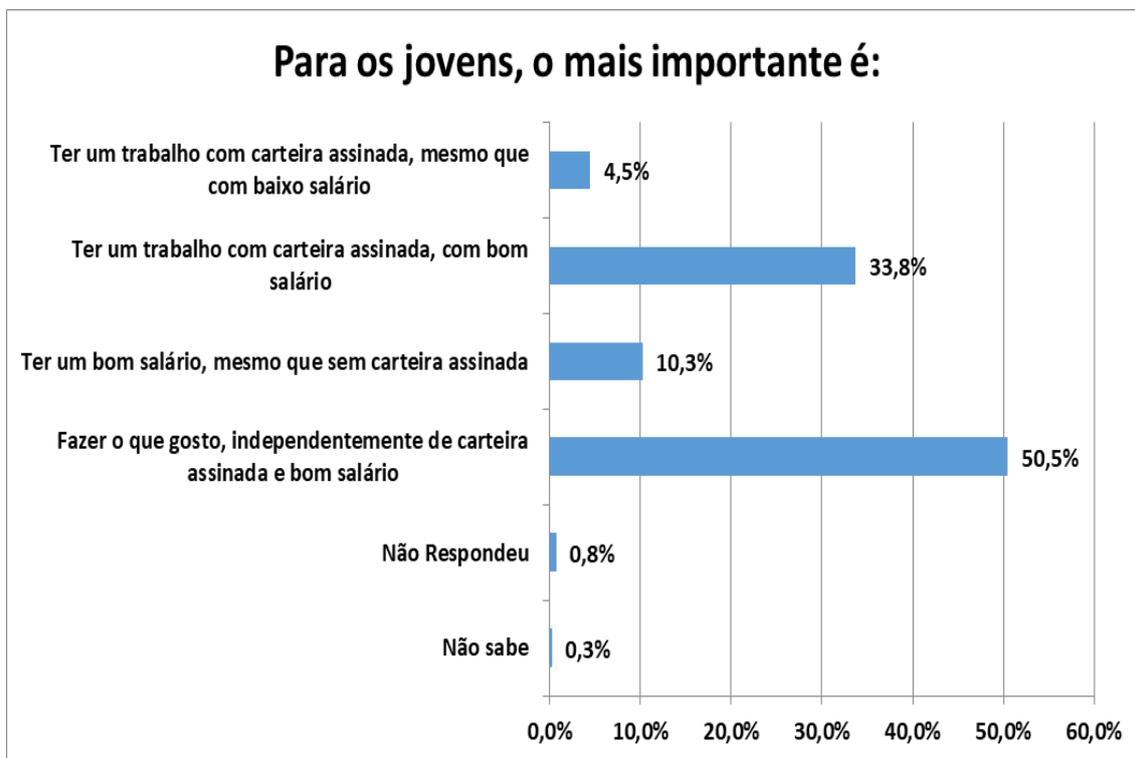
Fonte: Dados da Pesquisa.



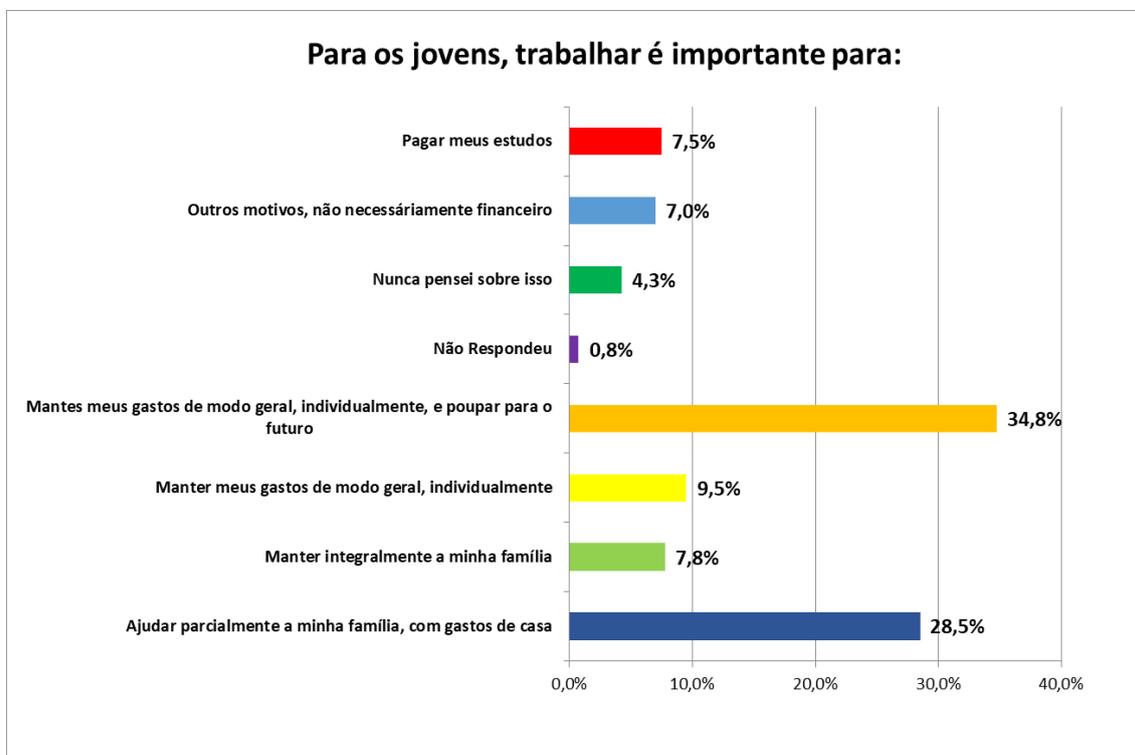
Fonte: Dados da Pesquisa.



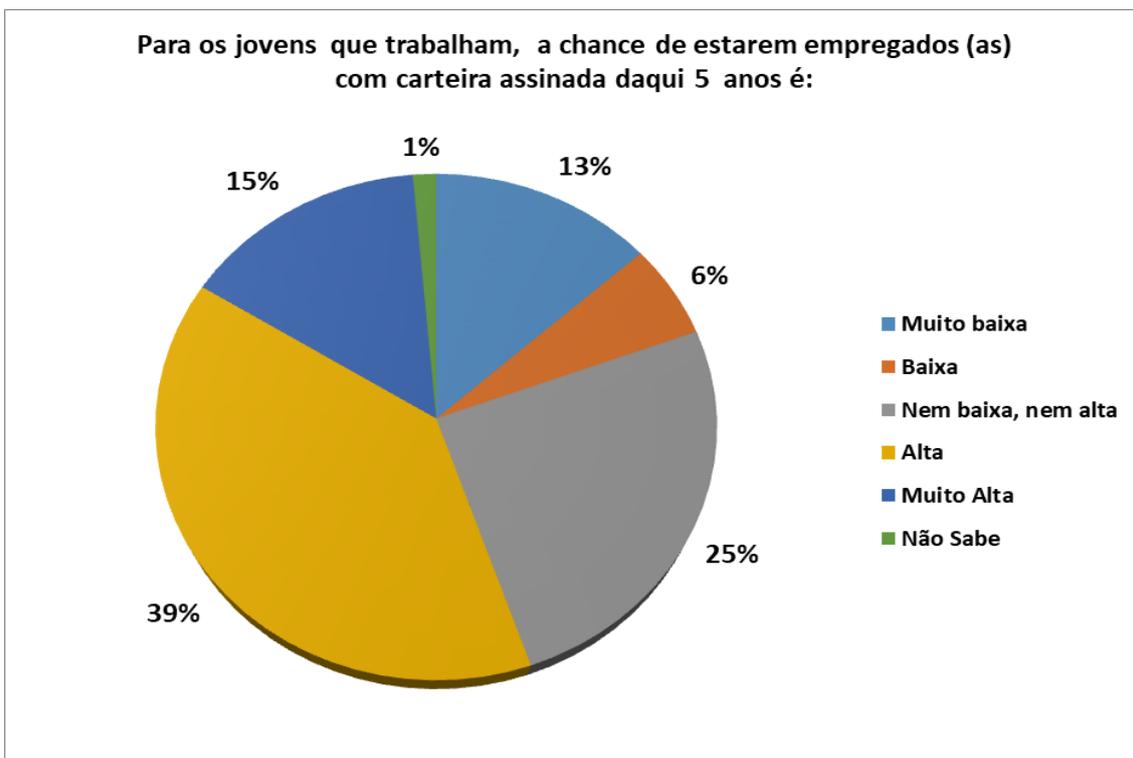
Fonte: Dados da Pesquisa.



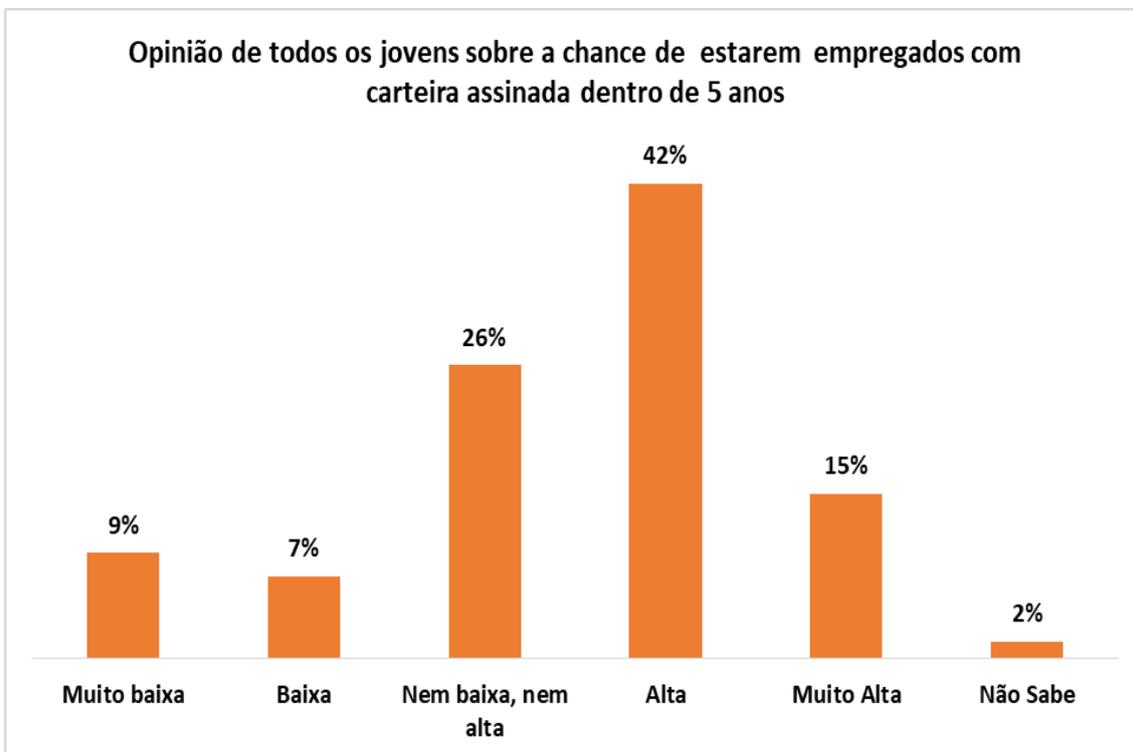
Fonte: Dados da Pesquisa.



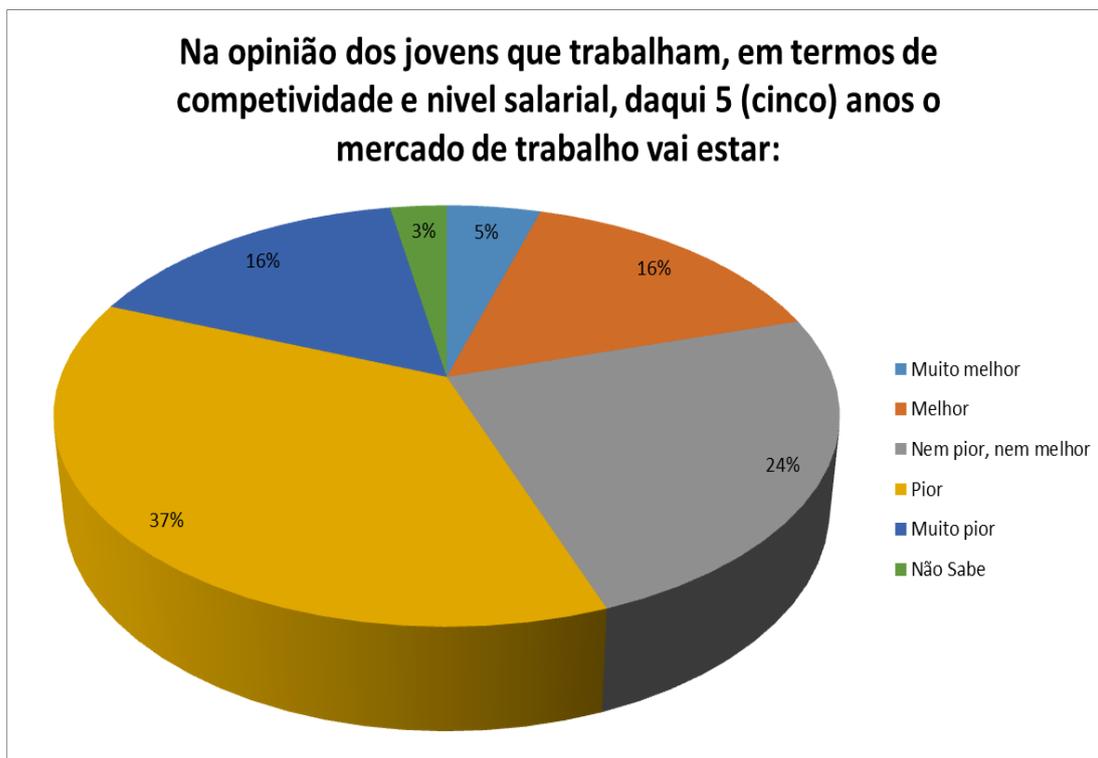
Fonte: Dados da Pesquisa.



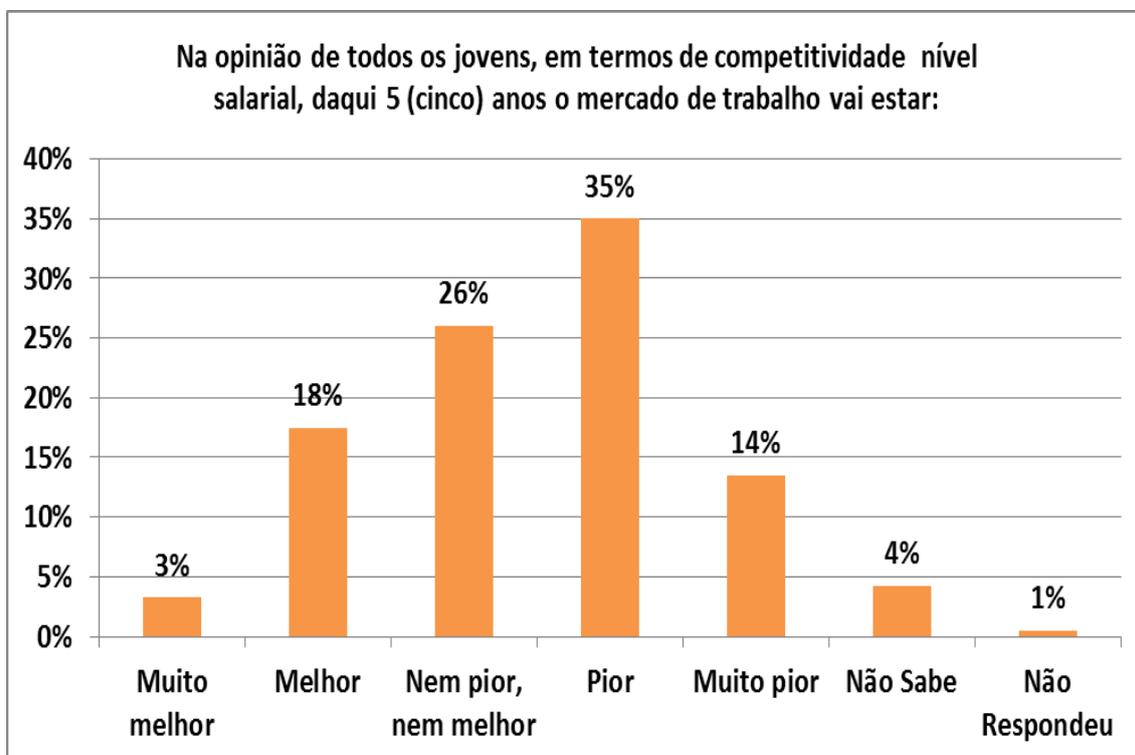
Fonte: Dados da Pesquisa.



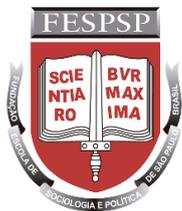
Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.

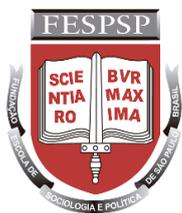


2.3 Vida Escolar e vida profissional/trabalho

Entre os entrevistados é possível verificar um conjunto de informações interessantes sobre a distribuição dos jovens por condição de estudo e situação na ocupação. Um dos gráficos referentes a esses dados mostra claramente que o percentual dos que não estudam e nem trabalham permanece praticamente o mesmo, considerando-se a margem de erro, para os vários segmentos etários (dentro do recorte entre 15 e 29 anos), ficando entre 6% a 9%. É possível perceber que à medida que os jovens adquirem mais idade, diminui o percentual daqueles que apenas estudam e aumenta a dos que apenas trabalham, caracterizando uma pirâmide inversa na comparação à estudar. Ou seja, quanto mais velho é o jovem, maior o percentual dos que apenas trabalham (55%), pois apenas 9% dos que possuem entre os 15 e 18 anos só trabalham e não estudam. Por outro lado, neste mesmo grupo, 64% só estudam, caindo para 10% o percentual entre aqueles com 26 a 29 anos e que também apenas estudam. Entre os que possuem 15 e 18 anos (que ainda são considerados anos de formação básica dos jovens) 18% não estava estudando e este quadro sobe para 39% entre os que possuem entre 19 a 21 anos. Este dado é muito importante, pois aponta para um percentual significativo de jovens que deveriam estar estudando, seja terminando o Ensino Médio (ainda que de forma tardia) ou ingressando no Ensino Superior.

É sintomático disso o fato de que 45% dos jovens que trabalham não estão estudando, o que parece mostrar que a entrada no mundo do trabalho pode levar a ruptura ou adiamento do término dos estudos. Mas isso não significa, necessariamente, uma desvalorização do estudo, já que para 75% dos entrevistados estudar tem uma relação direta com o trabalho. Pode-se inferir que para os entrevistados estudar pode ajudar no alcance a um posto de trabalho, na manutenção do emprego ou mesmo ou ascensão da carreira.

Quando verificamos a opinião sobre essa correlação (entre estudo e trabalho) por entre os jovens que estudam, verificamos que ela se mantém em 77%. Mesmo entre os que não estudam, 70% (dentro da margem de erro)



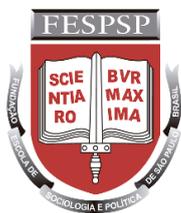
concordam ou concordam totalmente com a afirmação de que estudar tem relação com trabalho. Isso leva à conclusão de que, independentemente de estudar ou não, aproximadamente três quartos dos entrevistados relacionam trabalho com estudo, ou dito de outro modo, 7 em cada 10 jovens.

Fica patente a discrepância entre o alto percentual de jovens que concordam com a afirmação de que há uma relação direta dos estudos com o trabalho e aquele, em menor escala, que indica a distribuição dos jovens que estudam pelas faixas etárias. Ou seja, há mais jovens acreditando na relação direta entre estudar e trabalhar que jovens de fato estudando, embora possam estar trabalhando. Mesmo que esta pesquisa não tenha se debruçado de modo mais aprofundado sobre as causas desta discrepância, concorda-se com a observação do Banco Interamericano de Desenvolvimento ¹⁹, o qual aponta que:

Compreender os fatores determinantes das condições ou escolhas dos jovens para estudar ou trabalhar é fundamental para contribuir com o desenho de políticas públicas que os apoiem em suas carreiras educacionais e na inserção e permanência no mercado de trabalho. Somente assim é possível aumentar a produtividade e tirar proveito do bônus demográfico. [Tradução nossa]. (NOVELLA et al., 2018, p.80)

Ou seja, é preciso que se desvele o que tem determinado a tomada de decisão dos jovens entre estudar ou trabalhar. Do mesmo modo, refletir sobre em que medida o Estado, por meio de políticas públicas, poderia contribuir para que mais jovens trabalhassem, estudassem, e assim se tornassem cada vez mais qualificados. Em contextos como na cidade de São Paulo, marcados por enorme desigualdade social, muitos jovens – principalmente os mais pobres – se veem obrigados a buscarem um trabalho como forma de enfrentamento a vulnerabilidade social que os acomete, o que os impelem a estudarem menos.

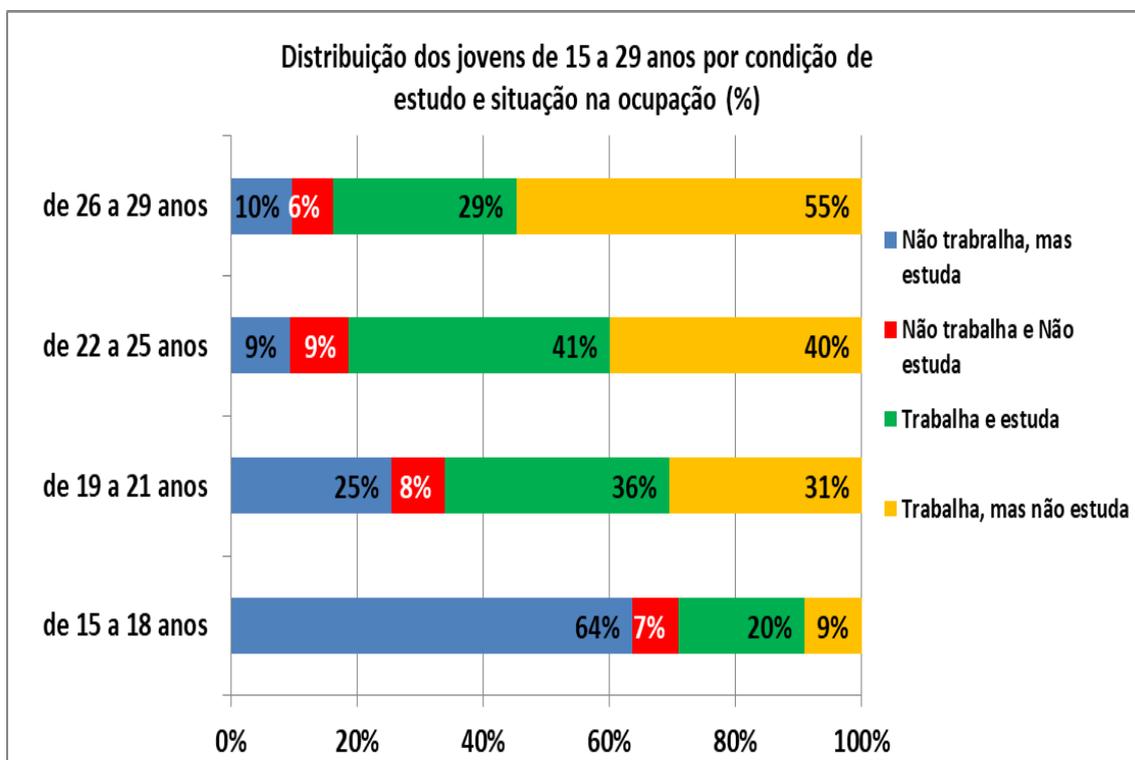
¹⁹ Nas referências, encontra-se registrado como uma publicação do Banco Interamericano de Desarrollo, pois trata-se de uma publicação feita, originalmente, em espanhol.



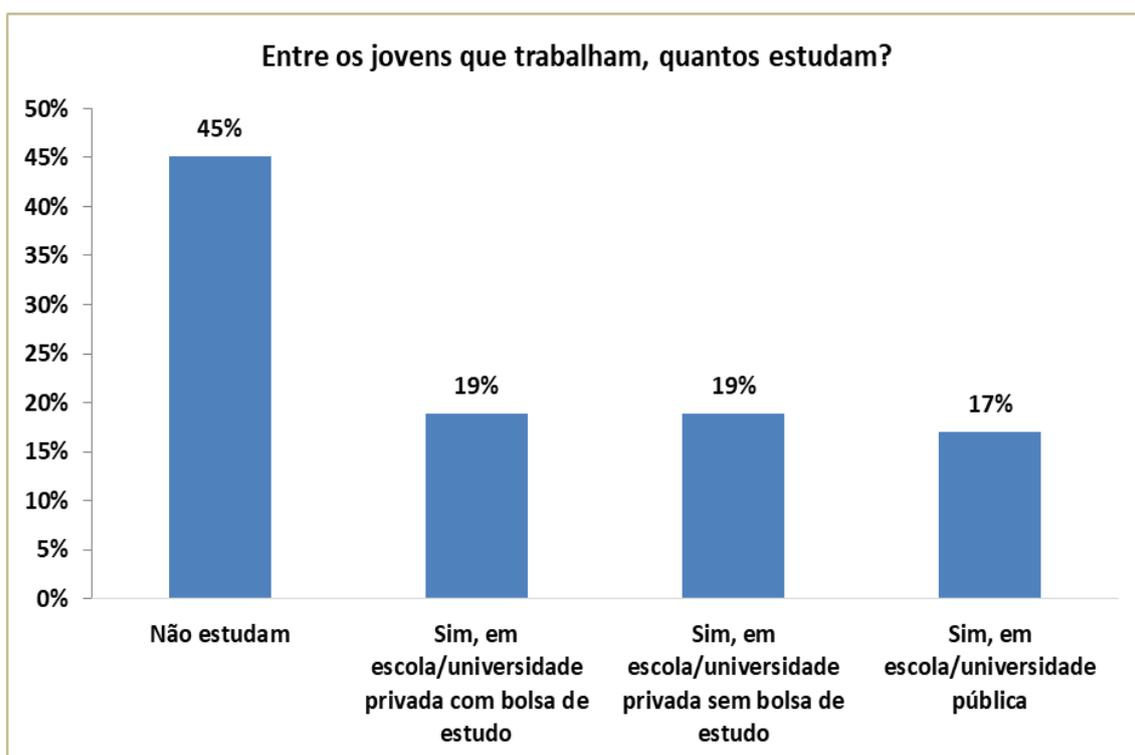
Como bem aponta o Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo, “a necessidade de o jovem entrar no mercado de trabalho antes de completar sua formação escolar pode resultar em baixo aproveitamento escolar e mesmo em abandono da escola” (PMSP, 2014, p.177).

Ainda sobre o futuro, foi questionado aos jovens sobre em qual categoria espera estar enquadrado daqui 5 (cinco) anos. Concluiu-se que aqueles que não estão estudando atualmente se veem em ocupações ou atividades mais ligadas ao empreendedorismo individual que aqueles que estão estudando. Mesmo que os percentuais entre estes dois grupos (jovens que estudam e jovens que não estuda) não sejam tão díspares, chama atenção que entre os que não estudam 42% apontaram que se veem em atividades como autônomo, empresário (com MEI, empresa pequena ou grande) e profissional liberal, contra 34% dos que estudam e que dera esta mesma resposta. Estes dados podem sugerir, numa primeira leitura, que os jovens que não estudam se veem menos temerosos, na comparação com os que estudam, quanto aos riscos futuros numa atividade que requeira empreendedorismo, à exemplo de ter uma empresa. Também é curioso observar, que entre os que não estudam, 44% apontou que deseja estar no futuro como assalariado registrado, enquanto que entre aqueles que estudam esse percentual foi de 50%, dados que podem, em certa medida, corroborar a tese de um maior empreendedorismo entre os que não estudam ou uma tendência a informalidade, ou que as expectativas em relação a si mesmo de conseguir um emprego com carteira assinada são menores²⁰. De todo modo, deve-se ponderar nas conclusões mais ligeiras, haja vista a margem de erro já apontada. Por fim, vale registrar que a escolaridade daqueles que acreditam estarem enquadrados como assalariados registrados daqui 5 (cinco) anos, 81% está entre Ensino Médio Incompleto, Ensino Médio Completo e Superior Incompleto.

²⁰ Não cabia ao escopo da presente pesquisa, mas seria interessante que um estudo pudesse aprofundar a relação entre tipo ou forma de emprego dos pais ou daqueles que sustentam o domicílio e expectativas dos jovens em relação ao mercado de trabalho para averiguar se as expectativas dos jovens estão em consonância ou dissonância com as dos pais, seja porque tem outras mais audazes ou mais modestas.



Fonte: Dados da Pesquisa.



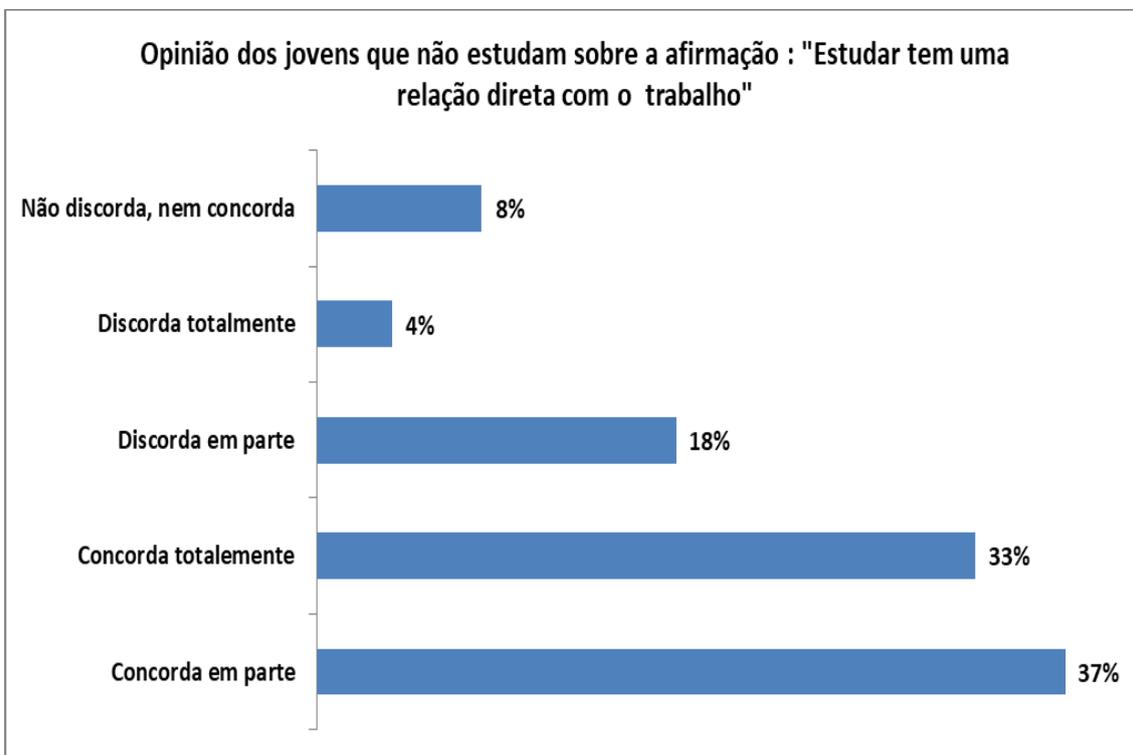
Fonte: Dados da Pesquisa.



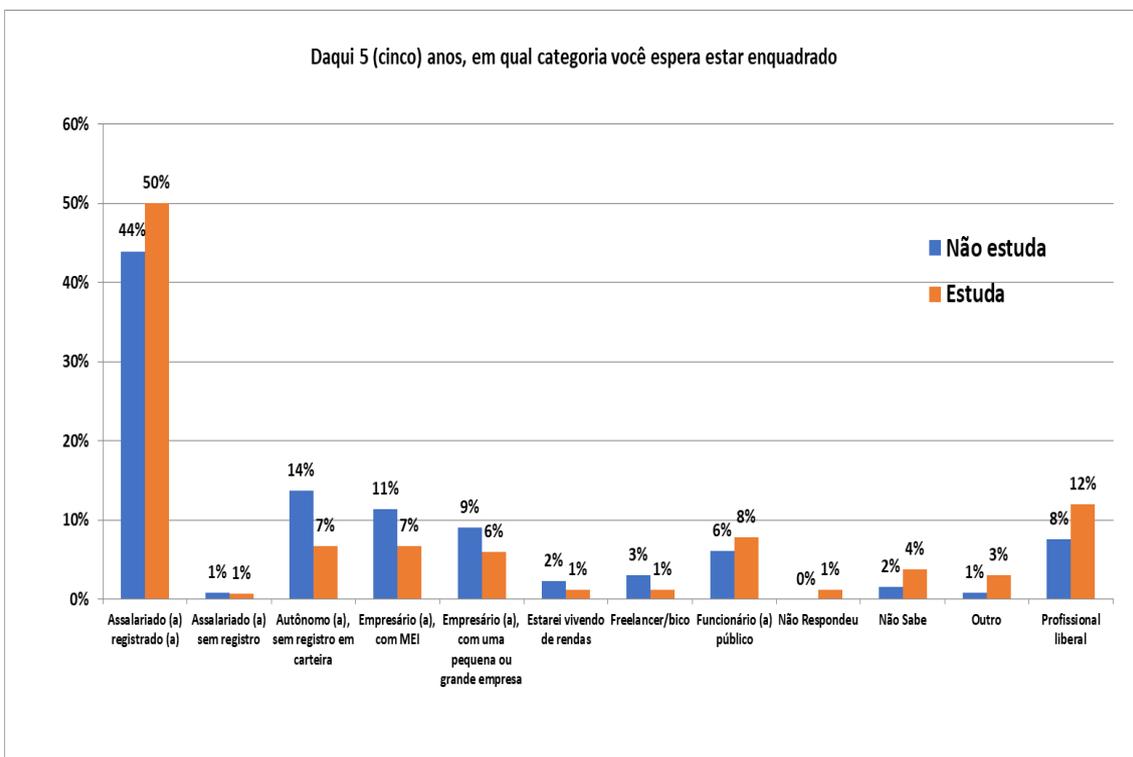
Fonte: Dados da Pesquisa.



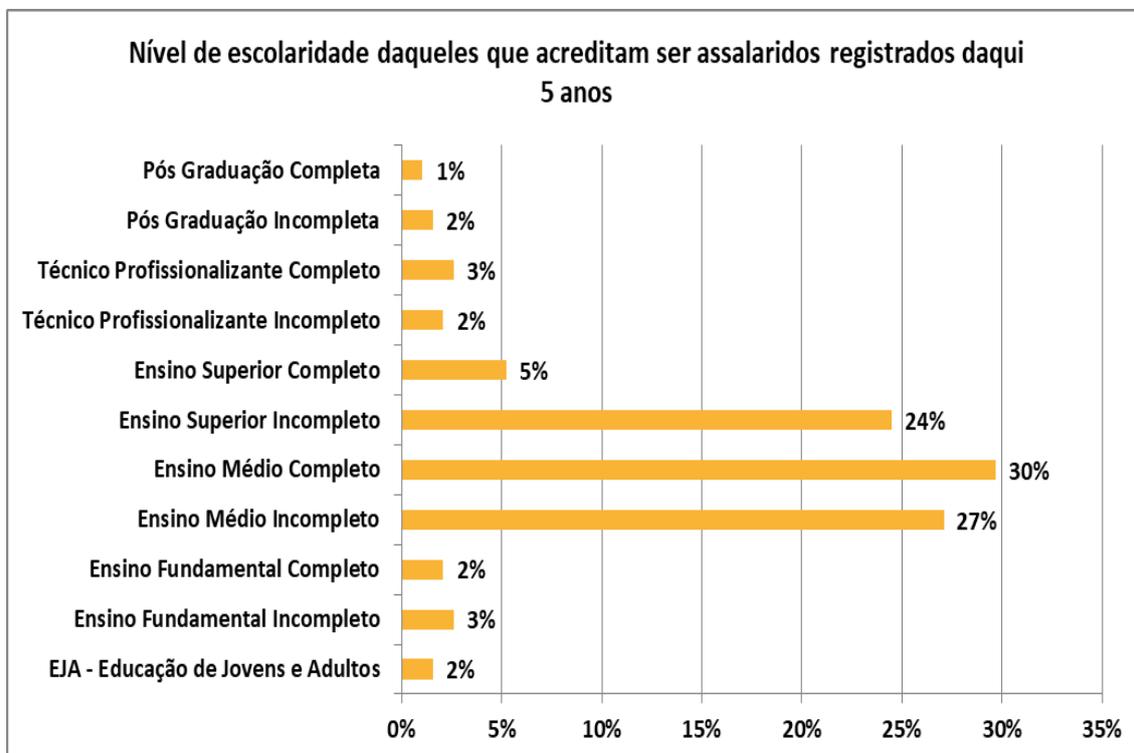
Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.

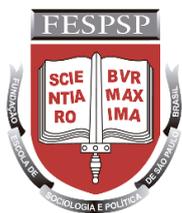


Fonte: Dados da Pesquisa.

2.4 Mercado de Trabalho

Dentre os entrevistados, 35% estão procurando emprego, 23% não está procurando, pois prefere se dedicar apenas aos estudos, e 1% afirmar ter desistido de procurar por emprego, o que significa que estão em desalento. Entre os que procuram emprego, predominam indivíduos negros (pretos e pardos) com 49%.

Dentre todos os respondentes, 39% apontam que a maior dificuldade para se inserir no mercado de trabalho é a falta de experiência profissional, seguidos por 29% que apontam o fato de não ter formação para a vaga e por 6% que apontam que o grande problema é morar longe dos locais das vagas ofertadas. De todo modo, destaca-se que 15% afirmaram nunca ter enfrentado dificuldade alguma para encontrar uma vaga. Já entre apenas os que afirmam estar procurando emprego (35% do total de respondentes), a imensa maioria dos que aponta que a maior dificuldade para encontrar uma vaga é a “falta de



experiência profissional” (44%), seguida de “não ter formação” (29%) e “morar longe da vaga ofertada” (6%). Já 9% afirmam nunca ter encontrado dificuldade.

Mas se por um lado há uma parcela dos jovens (que procuram emprego ou não) que afirma nunca ter encontrado dificuldade para conseguir uma vaga, a partir dos dados coletados pode-se dizer que parte significativa dos jovens projeta sobre si mesma a responsabilidade por não conseguir encontrar uma vaga, haja vista os percentuais expressivos daqueles que apontam não terem a experiência profissional ou a formação para a vaga.

Embora o país viva um momento de crise em sua economia quando a pesquisa foi aplicada (setembro de 2019), a questão econômica não é apontada pelos jovens como um fator determinante em termos da dificuldade para se encontrar uma vaga. Isso mostra que, possivelmente, não haja uma percepção mais ampla, por parte do jovem, da dimensão socioeconômica na qual ele está inserido, embora seja ela uma das principais problematizadoras do maior ou menor acesso às vagas de emprego. Ao contrário, esta seria mais uma evidência do fato que entre eles parece predominar a visão de que a inserção (ou não) no mercado de trabalho dependeria, principalmente, de suas responsabilidades individuais, de falta de formação ou experiência de cada um. Também como conclusão acerca deste ponto da pesquisa sobre as dificuldades para se encontrar uma vaga de emprego, as respostas dos entrevistados mostram que estão dispostos a trabalhar longe de suas residências e não veem isso como o maior impeditivo. Numa cidade tão grande como São Paulo isso mostra uma predisposição ao trabalho e muitas vezes a longas horas de condução ao mesmo. Outros fatores como “aparência”, “preconceito de gênero”, “preconceito por orientação sexual”, “preconceito religiosos” se mostraram irrelevantes quando comparados à outras questões como pouca experiência e formação.

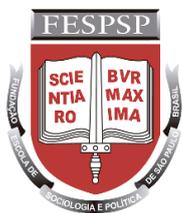
Avaliando a opinião de todos os respondentes sobre se aceitariam ou não uma atividade inferior à formação, 57% apontou que sim. Entre os que procuram emprego esse valor sobe para 64%. Ambos os dados podem ser considerados percentuais altos, uma vez que superam a metade dos dois grupos (de todos jovens ou apenas dos que procuram emprego) e, ao mesmo



tempo, são indicativos do que já se apontou sobre o valor que os jovens atribuem ao trabalho em si, ou seja, desejam trabalhar. Para mais de 63% dos jovens, o trabalho seria importante para manter seus próprios gastos e ajudar a família, desejos estes que podem influenciar na escolha em se aceitar ou não uma função inferior ao grau de formação. Ainda assim, levando em conta a opinião de todos os jovens, é expressivo o percentual de 31% que afirmam não aceitar função ou atividade inferior à formação. Entre os que procuram emprego, este percentual é de 29%.

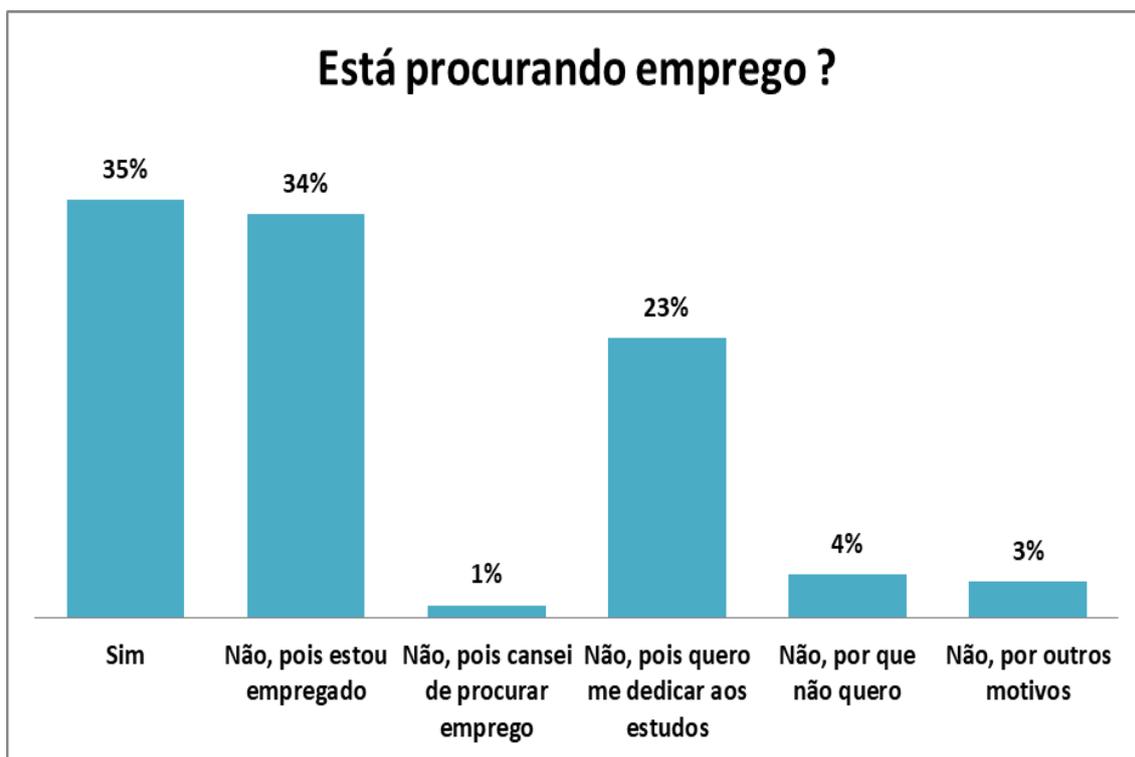
Perguntou-se também a opinião dos jovens sobre a seguinte afirmação: “os processos seletivos das empresas são justos e imparciais”. Para 49% dos jovens participantes da pesquisa os processos seletivos não possuem estes atributos, pois discordam totalmente ou em parte com a afirmação do enunciado da questão. Este percentual chama atenção para outro ponto importante sobre a natureza desta relação entre os jovens e o mercado de trabalho. Fica claro que, apesar dos jovens colocarem para si a responsabilidade de não conseguir uma vaga quando afirmam que as maiores dificuldades são a falta de experiência ou formação, ao mesmo tempo, entendem que os processos seletivos não são justos, imputando a estes a culpa pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Do mesmo modo, vale destacar que, embora esta seja a percepção que se possa ter sobre praticamente metade dos jovens (que estejam ou não procurando emprego), é importante notar que para 35% de todos os respondentes os processos seletivos são justos e imparciais, assim como para 38% dos que estão procurando emprego.

Também se perguntou aos jovens quanto se sentiam preparados para pleitear por uma vaga no mercado de trabalho. Uma parcela de 46% de todos os jovens participantes da pesquisa se considera preparada ou muito preparada, e 51% daqueles que estão procurando emprego possuem a mesma percepção. Em tese, isso pode explicar o nível de desconfiança nos processos seletivos declarada por parte significativa dos jovens, pois ao se considerarem preparados acabam por se sentir injustiçados diante a frustração da eliminação na disputa por uma vaga. Por outro lado, 31% de todos os jovens denotam



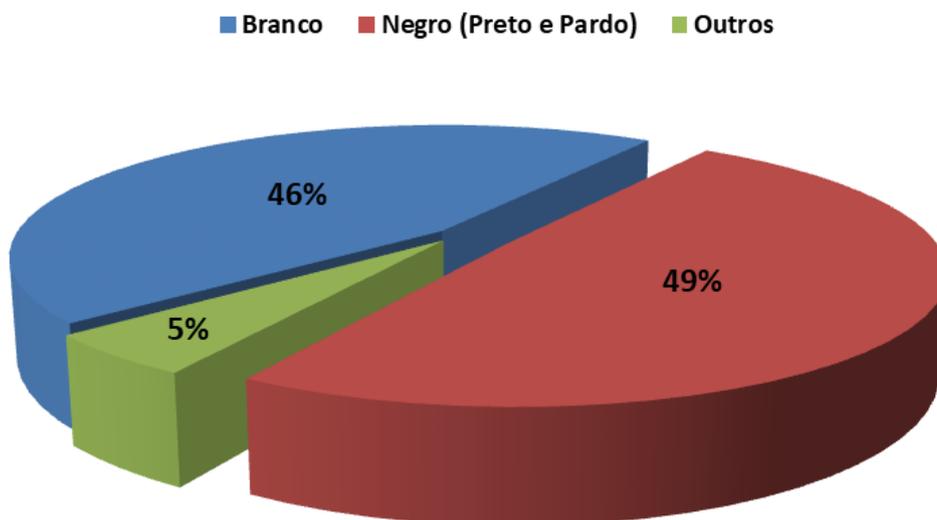
incerteza sobre sua preparação, pois indicam se sentirem nem despreparados, nem preparados. Esta é a mesma percepção de 35% daqueles que estão procurando emprego.

Outro ponto apurado pela pesquisa e que merece desta é o fato de que entre os jovens que procuram emprego predomina o desconhecimento sobre ações públicas ou privadas que os promovam no mercado de trabalho. Ao todo, 67% de todos os jovens não conhecem as ações do governo, ou seja, políticas públicas, que os auxiliem a se inserirem no mercado de trabalho. Este percentual é de 49 % com relação as desconhecimento das ações da iniciativa privada.



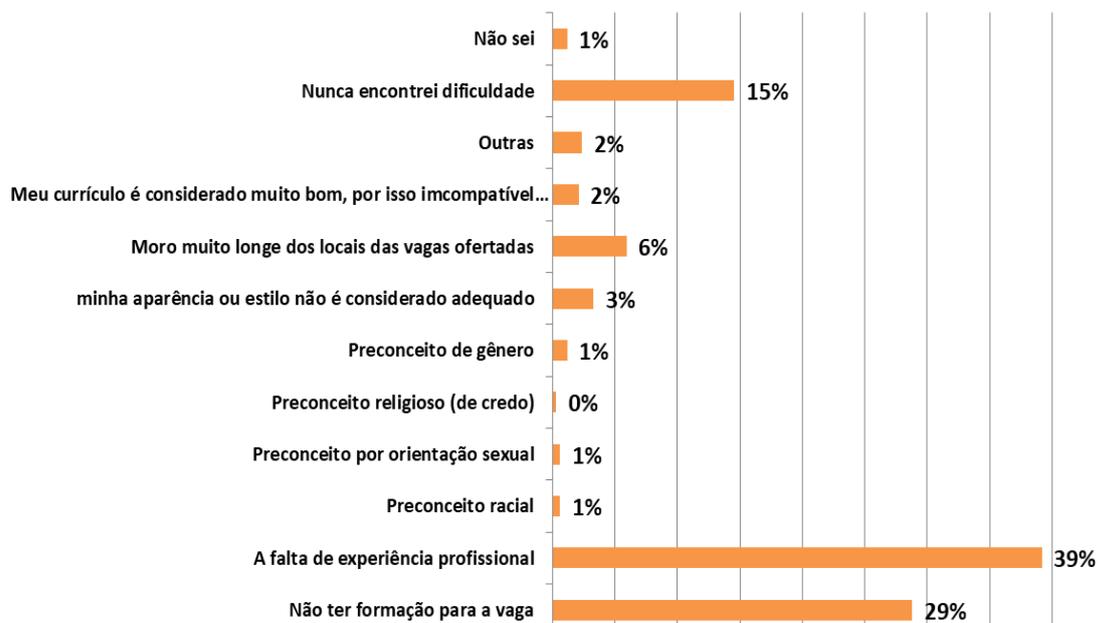
Fonte: Dados da Pesquisa.

Cor dos jovens que procuram emprego



Fonte: Dados da Pesquisa.

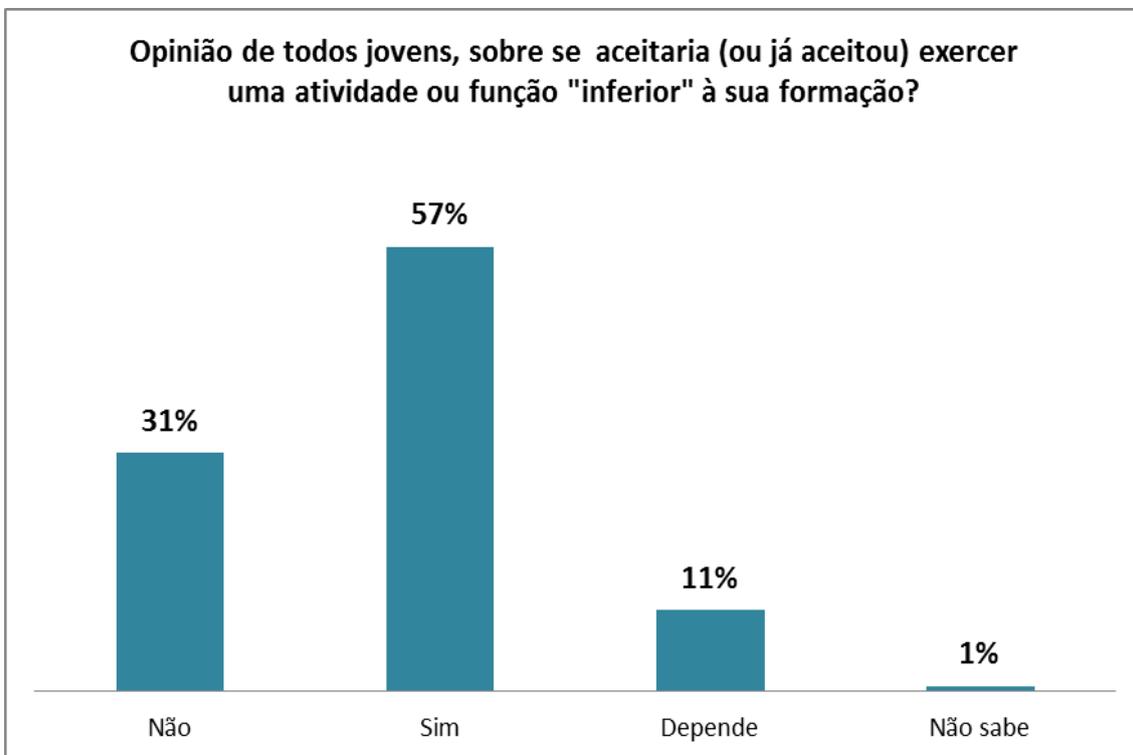
Opinião dos jovens sobre a maior dificuldade para encontrar uma vaga



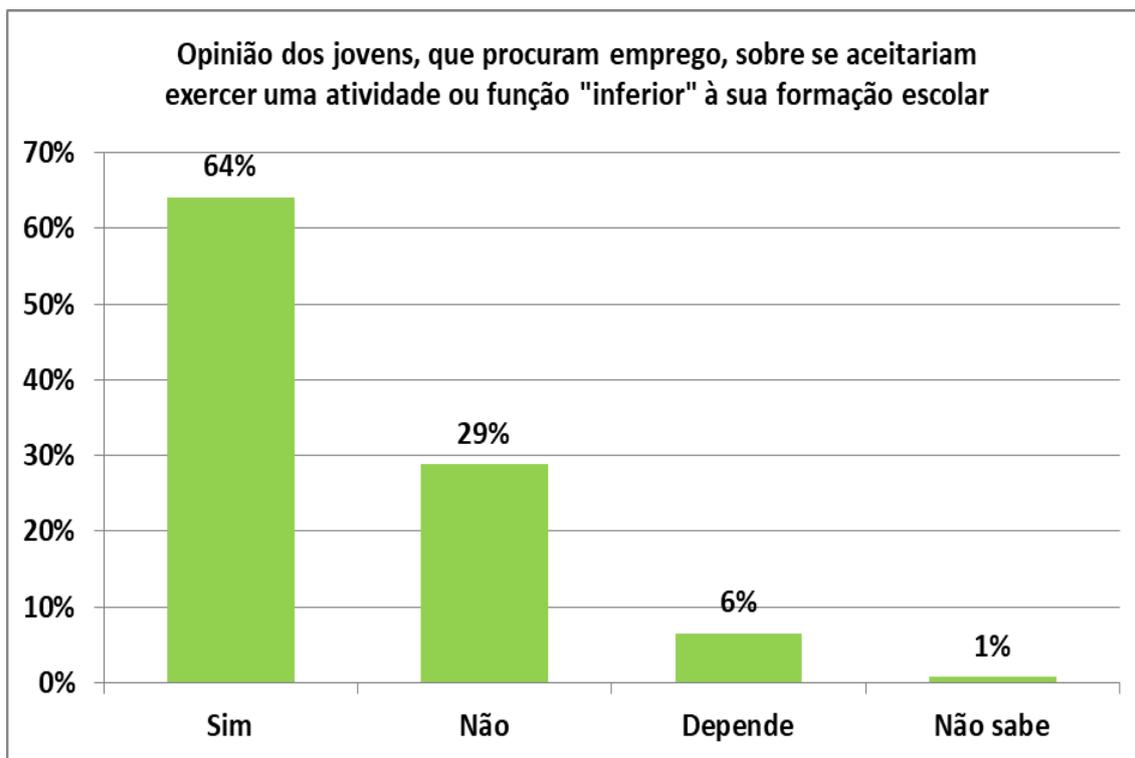
Fonte: Dados da Pesquisa.



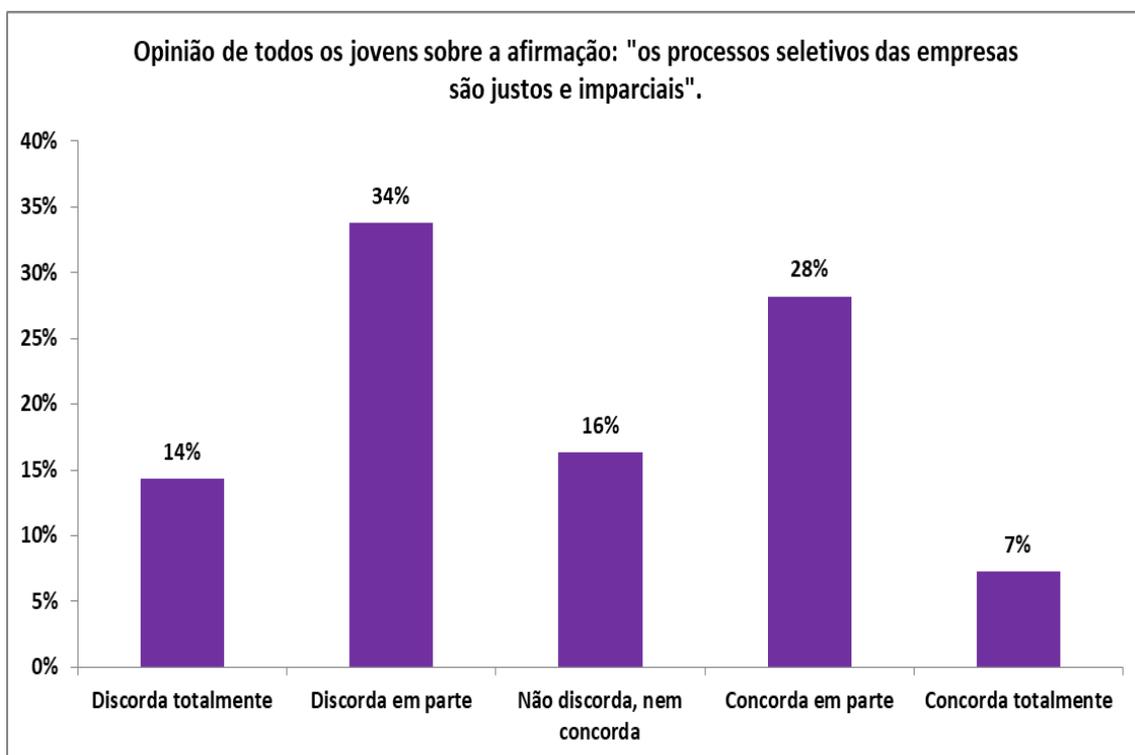
Fonte: Dados da Pesquisa.



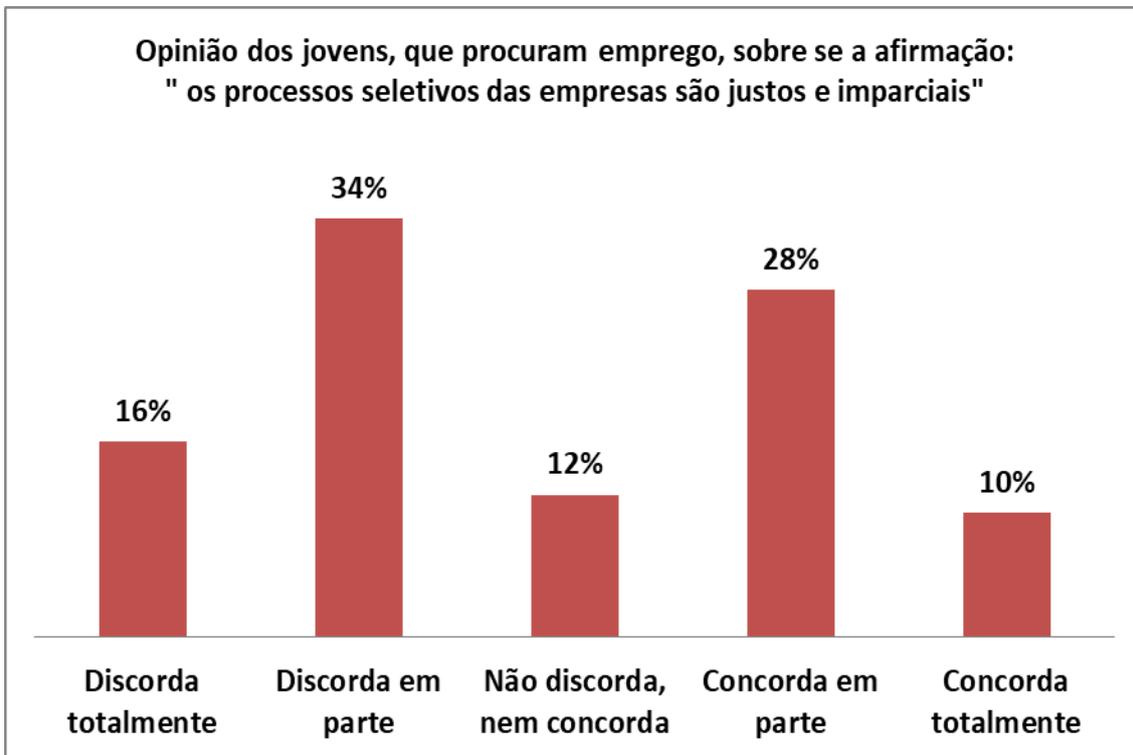
Fonte: Dados da Pesquisa.



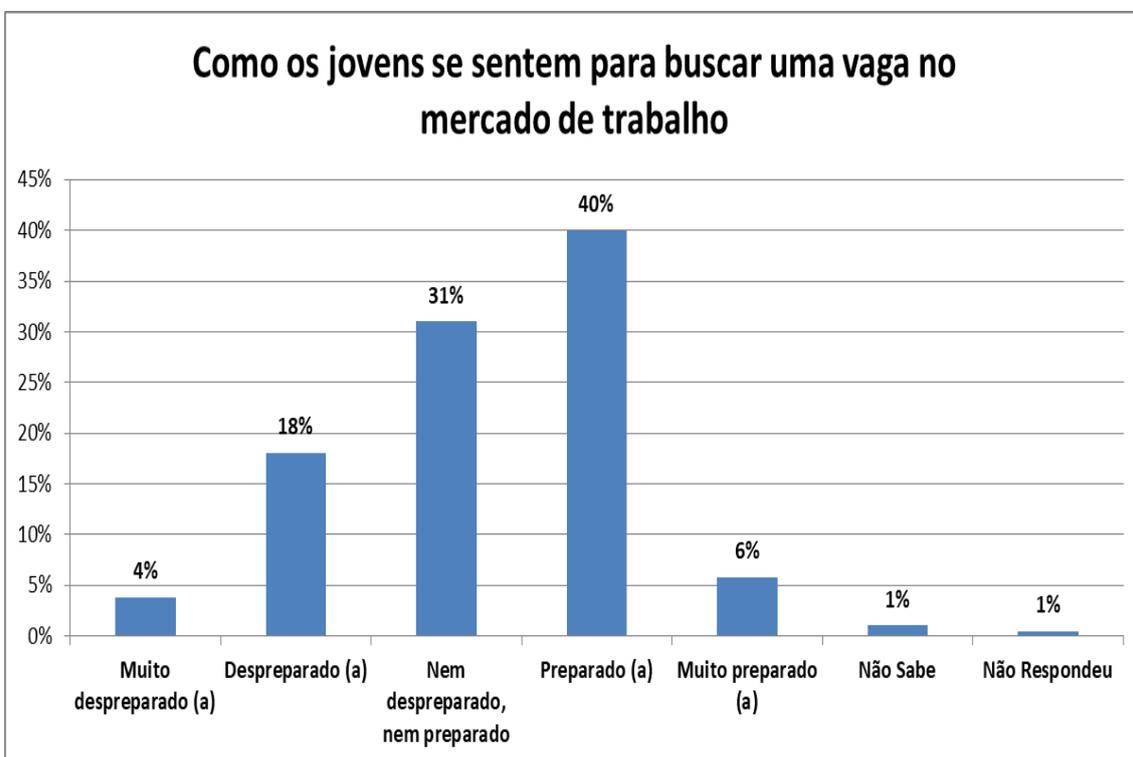
Fonte: Dados da Pesquisa.



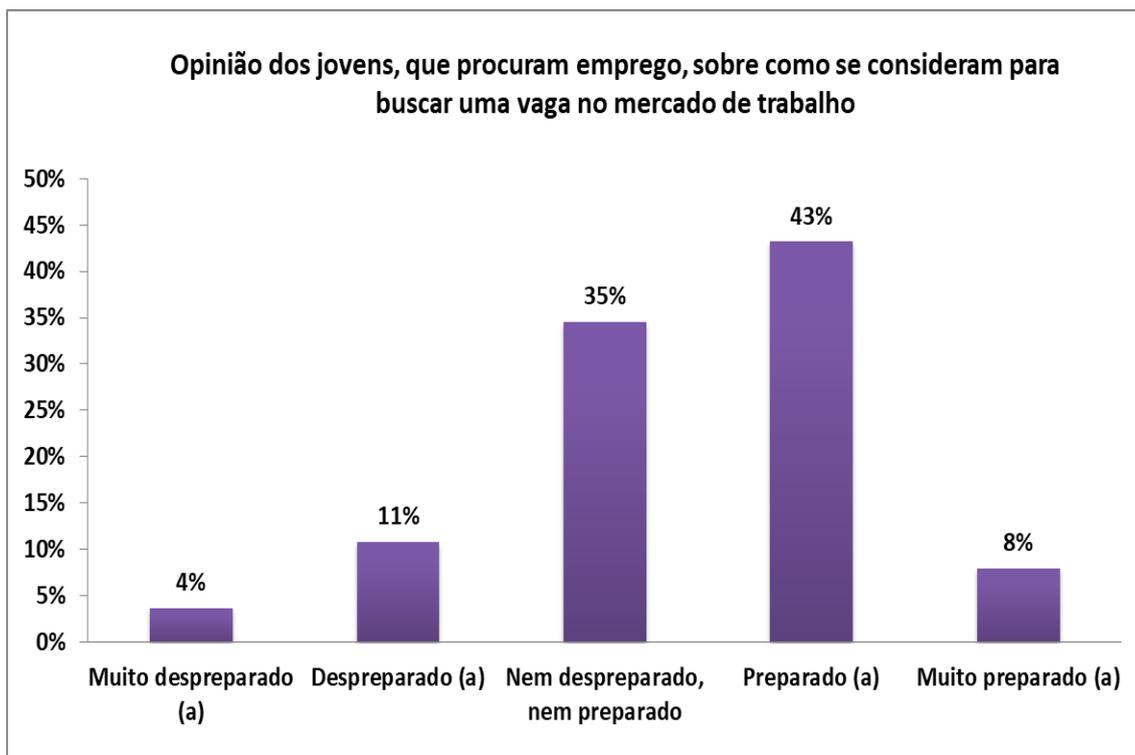
Fonte: Dados da Pesquisa.



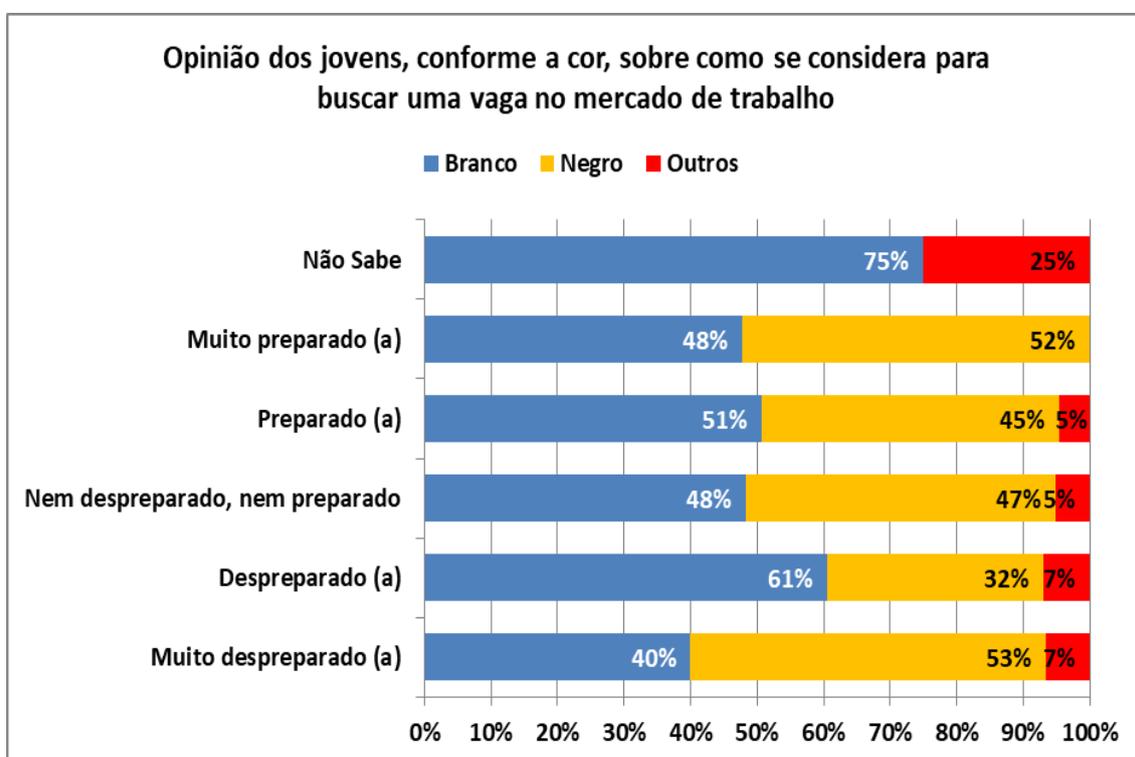
Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.

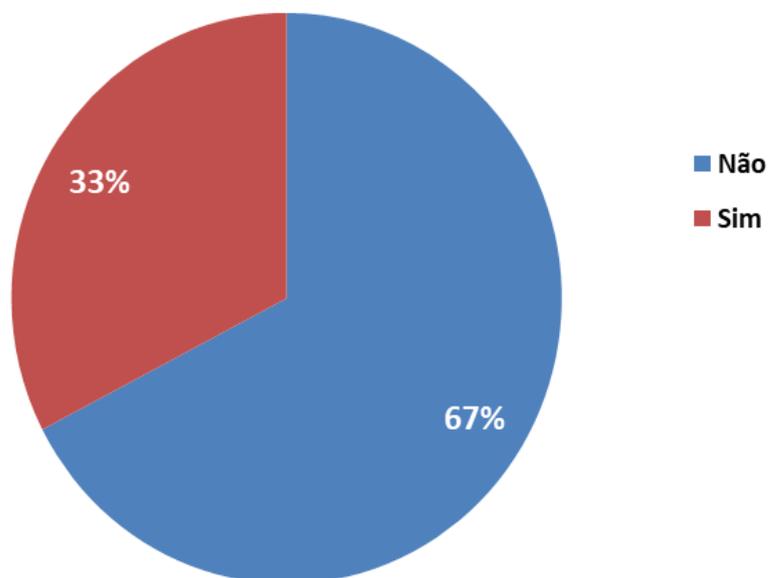


Fonte: Dados da Pesquisa.



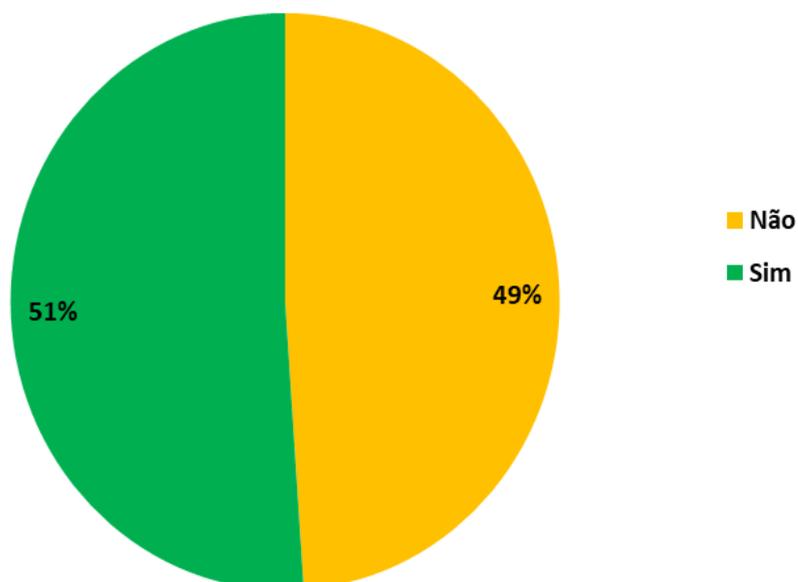
Fonte: Dados da Pesquisa.

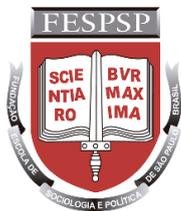
Jovens que procuram emprego e que conhecem ações dos governos inserí-los no mercado de trabalho



Fonte: Dados da Pesquisa.

Jovens que procuram emprego e que conhecem ações de instituições privadas para inserí-los no mercado de trabalho





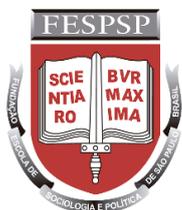
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.5 Vida Escolar e Mercado de Trabalho

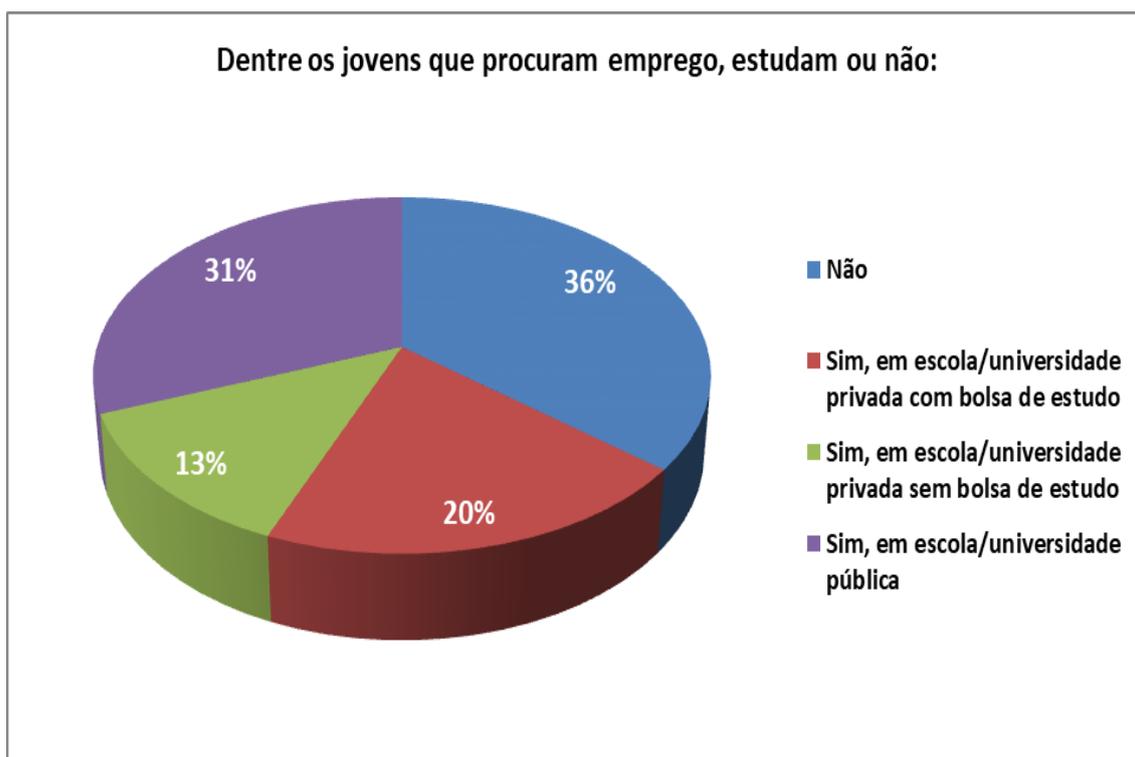
Dentre os jovens que procuram emprego, 64% estão estudando. Destes, 46% têm Ensino Médio completo ou incompleto, 35% Ensino Superior incompleto e apenas uma ínfima parte tem Ensino Superior completo, 6%. Ainda que a maioria dos jovens, como se verificou, aponte haver uma relação direta entre estudar e trabalho, chama a atenção o fato de que 36% dos jovens que procuram emprego não estão estudando, seja porque concluíram, seja porque interromperam seus estudos, logo, não estão dando continuidade à sua qualificação para pleitear uma vaga.

Analisando em que medida os jovens se sentem preparados o mercado de trabalho por nível de escolaridade, constatou-se que os mais confiantes são os que possuem Pós-graduação completa, pois todos com esta formação afirmaram estar preparados ou muito preparados. Na sequência, estão aqueles com Técnico Profissionalizante completo, pois 73% deles se consideram também preparados ou muito preparados. Já os dentre os jovens com Ensino Superior completo 70% afirmam o mesmo que os dois grupos anteriores. Jovens com Ensino Médio completo, incompleto ou com Ensino Fundamental completo se apresentam menos confiantes em comparação aos demais. Dentre os que possuem Ensino Médio completo, 29% se sentem despreparado ou muito despreparado, com Ensino Médio incompleto este percentual sobe para 33% e entre aqueles com apenas Ensino Fundamental Completo alcança 40%. Isso denota que a confiança dos jovens para pleitear uma vaga no mercado é maior entre aqueles com níveis de escolaridade superiores, diminuindo ao passo que também diminui o grau de formação. Por outro lado, é preciso destacar que, apesar dessas diferenças, mais da metade de todos os jovens se sentem preparados.

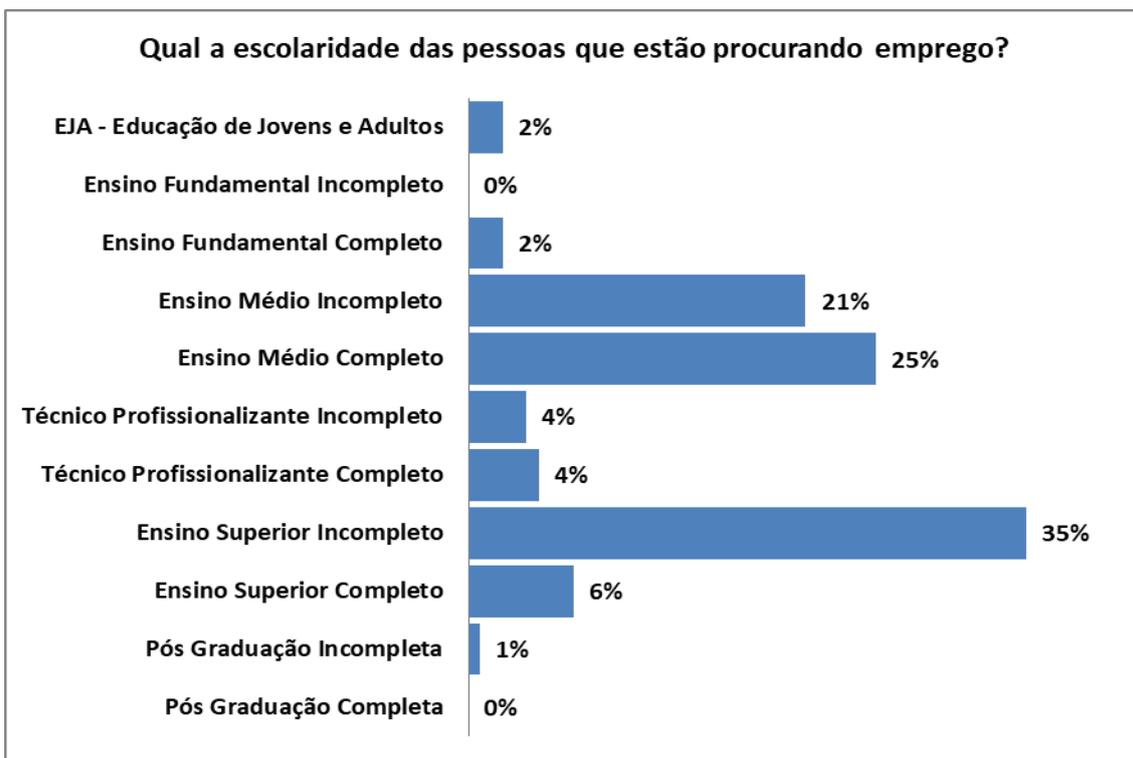
Curiosamente, há uma inversão desta relação entre otimismo e nível de escolaridade quando o assunto é a expectativa sobre o futuro. Constatou-se que quanto maior o grau de formação dos jovens, pior é a expectativa sobre o



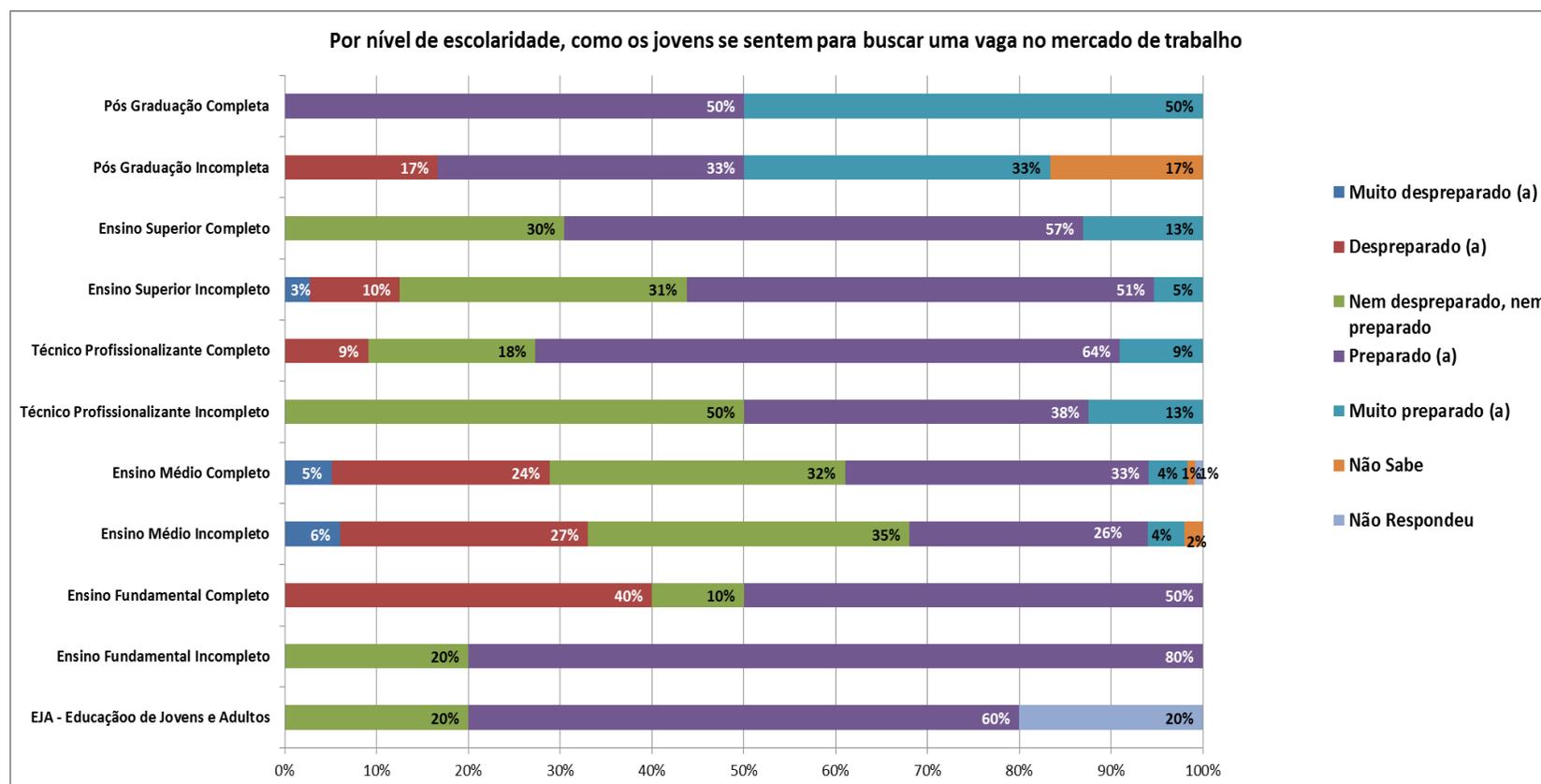
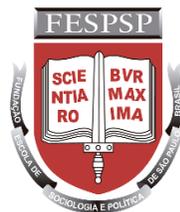
mercado de trabalho, daqui 5 (cinco) anos, quanto à competitividade e salários. Os mais pessimistas são aqueles com pós-graduação completa, pois todos afirmam que o mercado de trabalho estará pior ou muito pior, seguidos dos jovens com Técnico Profissionalizante completo, dos quais 73% acham a mesma coisa. Em terceiro lugar estão aqueles com Pós-graduação incompleta, com 63% destes apresentando a mesma opinião pessimista (pior ou muito pior). Os mais otimistas possuem menor nível de escolaridade, e estão entre aqueles com Técnico Profissionalizante incompleto (dos quais, 51% acham que o mercado de trabalho estará melhor ou muito melhor) ou que fazem parte do EJA – Educação de Jovens e Adultos (dos quais, 40% afirmam que o mercado estará melhor ou muito melhor).



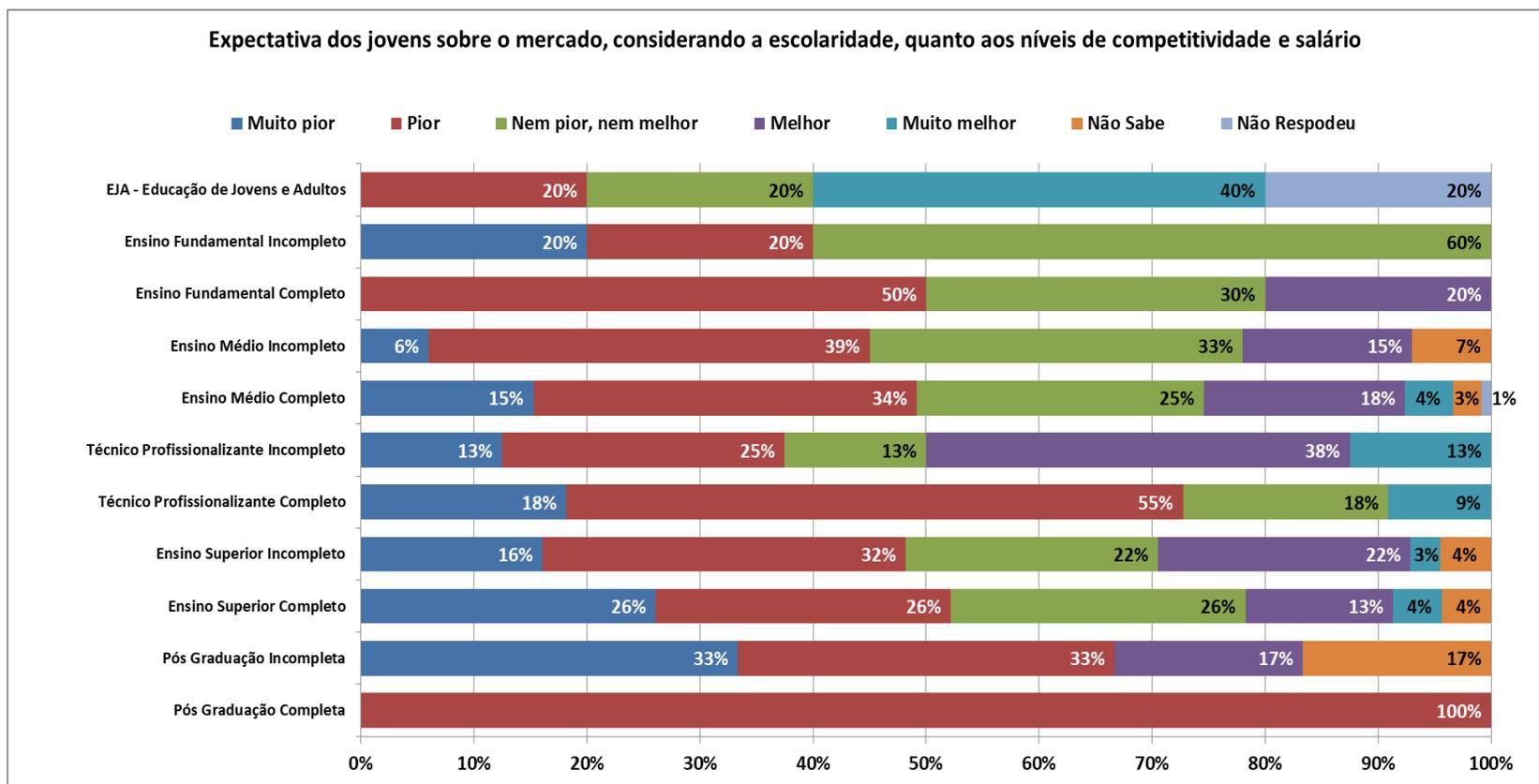
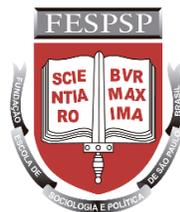
Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



Fonte: Dados da Pesquisa.



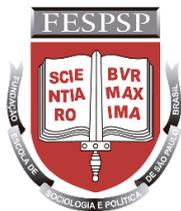
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas anteriores foram apresentados, em linhas gerais, os principais resultados da mais recente pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo sobre a juventude paulistana. Um trabalho cuidadoso entre preparação da pesquisa, sua aplicação por entre os jovens nas ruas, a tabulação e a análise dos resultados, entre tantas outras atividades, traduz-se neste relatório como uma contribuição para a compreensão da relação entre os jovens e o mercado de trabalho em São Paulo.

Conforme apresentado, o perfil do(a) jovem paulistano (a), sua vida escolar, profissional e a natureza de suas vivências diante do mercado de trabalho foram temas basilares deste trabalho. Não de outro modo, a intersecção ou as interfaces destes mesmos temas deu o tom da análise aqui apresentada.

Dentre as principais características predominantes no perfil do (a) jovem paulistano, aponta-se que vivem com os pais, estudam (estão no Ensino Médio cursando ou já terminaram, e parte importante já ingressou no Ensino Superior, mas sem completar), a maioria trabalha, mas ganha pouco. Lamentavelmente, a projeção da desocupação de mais de 1/3 da população entre 15 e 29 anos que aqui se verificou confirma outras pesquisas similares realizadas no mesmo período. Não obstante, na comparação com estudos anteriores, percebeu-se a piora da condição do jovem no mundo do trabalho nos últimos 10 (dez) anos em pelo menos 2 (dois) aspectos: aumento considerável do desemprego e diminuição do número de jovens trabalhando com carteira assinada, o que significa aumento da informalidade. Portanto, conclusões que indicam o distanciamento da realidade do jovem paulistano daquilo que pretendem as metas estabelecidas pela ONU, por meio da Agenda 2030, para superar a vulnerabilidade social e os mecanismos de reprodução da desigualdade.

Outras conclusões, como se viu, merecem destaque. Entre os que estão sem trabalho, 4 a cada 10, infelizmente nunca trabalhou, o que significa que



Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

não possuem a tão cobrada experiência. A maioria dos jovens que trabalha é branca, e daqueles que procuram emprego é negra. Há mais mulheres empregadas que homens. O pouco tempo de ocupação na vaga de emprego (atual ou anterior à pesquisa) declarado pelos jovens é indicativo da rotatividade que se faz presente neste começo de sua caminhada como trabalhador ou trabalhadora, afinal a grande maioria afirmou que está (ou esteve) no posto de trabalho há menos de 1 (um) ano. Assim como se viu, não bastasse ao que parece a pouca expectativa de efetivação ou permanência no emprego, quase 1/3 dos entrevistados exerce função inferior à formação escolar, assim como também aproximadamente 1/3 já sofreu algum constrangimento, predominando mulheres (59%) e negros (45%). Entre os que foram constrangidos, praticamente 4 a cada 10 são homossexuais ou pan/bissexuais.

Em que pesem as dificuldades aqui apresentadas, para os jovens trabalhar é muito importante para manter os gastos individuais, bem como ajudar a família, sendo estas as opiniões de mais de 60% dos respondentes. Contudo, o mais importante para boa parte dos jovens é fazer o que gosta, independente de carteira assinada e salário. De todo modo, vale uma ressalva: aproximadamente 4 a cada 10 jovens preferem ter carteira assinada, o que sugere que o empreendedorismo como meio para obter renda não seja unanimidade entre os jovens.

Ainda sobre o perfil do (a) jovem paulistano (a), concluiu-se que quanto mais velho (a) (dentro da faixa de 15 a 29 anos), mais ele (a) trabalha e menos estuda. Verificou-se que há uma fatia considerável de jovens que deveriam estar estudando, terminando o Ensino Médio ou ingressando no Ensino Superior, mas não estão. Por outro lado, essa constatação se torna interessante diante a verificação de que para $\frac{3}{4}$ dos jovens entrevistados estudar tem uma relação direta com o trabalho, ajudando a obter ou manter um emprego, bem como a ascender na carreira.



Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

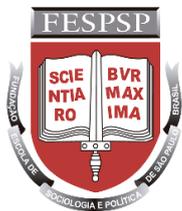
RECONHECIMENTO DESDE 1933

Esta pesquisa também buscou compreender a expectativa dos jovens com relação ao futuro, e constatou que eles são otimistas naquilo que possa depender apenas de si mesmos, mas pessimistas quando podem depender de situações conjunturais, como do próprio mercado. Ainda sobre o futuro, constatou-se que aqueles que atualmente não estão estudando se veem mais em ocupações ligadas ao empreendedorismo que em comparação aos que estão estudando. Complementarmente a esta conclusão, verificou-se que quanto maior o nível de escolaridade, mais os jovens se veem em empregos como assalariados registrados.

A pesquisa também verificou que 3 a cada 10 jovens estão procurando emprego e a maioria afirma aceitar uma atividade ou função inferior ao nível de escolaridade que possui. Entre os que procuram emprego a maioria estuda, e estão cursando o Ensino Médio (ou já concluíram) e o Ensino Superior.

Os jovens apontam que as maiores dificuldades para encontrar uma vaga são a falta de experiência e não ter a formação necessária. Curiosamente, ao mesmo tempo em que esta percepção sobre as dificuldades pode denotar uma auto responsabilização pelo insucesso nos processos seletivos, das empresas, para praticamente metade dos jovens entrevistados estes mesmos processos seletivos não são justos e imparciais. Além disso, mais da metade dos que estão procurando emprego se sentem preparados ou muito preparados para pleitear uma vaga. A confiança ao pleitear a vaga é maior entre os que possuem maior escolaridade. Por outro lado, estes são os mais pessimistas com relação ao futuro do mercado de trabalho em termos de competitividade e níveis salariais.

Por fim, um dado interessante e ao mesmo tempo preocupante. Entre os jovens, 7 a cada 10 não conhecem ações do governo para a promoção do emprego e da renda. Fica patente um alerta aos planejadores e executores de políticas públicas sobre a necessidade de se refletir sobre os objetivos e a efetividade de suas ações, pois o exercício de concepção e implantação das

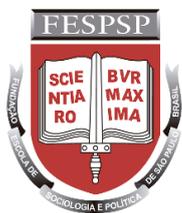


Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

políticas não pode estar descolado da realidade objetiva dos jovens, tão pouco desconsiderar o sentido plural das juventudes.

Estes seriam os principais resultados aferidos pela pesquisa aqui apresentada, a qual se pretende como uma contribuição à interpretação sobre a vida dos jovens da perspectiva do mundo do trabalho. Almeja-se, portanto, somar-se a tantas outras leituras, de modo a provocar e estimular o debate permanente, não apenas trazendo respostas, mas principalmente apontando dúvidas e questões sobre as quais é necessário se debruçar. Tendo como norte a preocupação fulcral deste trabalho já revelada de partida na apresentação – ou seja, ouvir a voz dos jovens para conhecer (ainda que parcialmente) suas verdadeiras demandas e anseios, a equipe técnica responsável chega a este momento conclusivo com o sentimento de dever cumprido.



REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, número 5, número 6, 1997.

BOURDIEU, P. A "juventude" é apenas uma palavra? In Bourdieu, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983. Pg 112-121.

DEBERT, G.G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos* [online]. Porto Alegre vol 16, n. 34, jul/dez 2010.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. Juventude conectada [livro eletrônico]: edição especial empreendedorismo. / [idealização e coordenação] Fundação Telefônica Vivo. - 1. ed. São Paulo : Fundação Telefônica Vivo, 2018.

IPEA. Carta de Conjuntura. Brasília: IPEA, N. 46, 1T2020. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200312_cc_46_mercado_de_trabalho.pdf. Acessado em 19/03/2020.

LEON, Oscar Davila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). *La juventud es Más Que una Palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

NEVES, M. de C. R., Gonçalves, M. F., & de Lima, J. E. (2015). Mundos distintos e realidades semelhantes: empregabilidade dos jovens no Nordeste e Sudeste brasileiros. *Revista Brasileira de Estudos De População*, v. 32, n. 2, p. 335-356, ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982015000200335&lng=en&nrm=iso. Acessado em 23/03/2020.

NOVELLA R, REPETTO A, ROBINO C, RUCC G. Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar? Washington (DC): Banco Interamericano de Desenvolvimento; 2018.

OLIVEIRA, Sidnei; PICCININI, Valmíria; BITENCOURT, Betina. Juventudes, Gerações e Trabalho: é possível falar em Geração Y no Brasil? **Revista O&E**. Salvador, v.19 - n.62, p. 551-558 - Julho/Setembro – 2012.

PAIS, J. M. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde Soc*. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

_____. A construção sociológica da juventude — alguns contributos, *Análise social*, 1990.



Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

_____. A esperança em gerações de futuro sombrio, *Estudos avançados*, USP, 26 (75), 2012.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação Anped*, São Paulo, n. 5 e 6, 1997, pg. 15- 24.

POCHMANN, M. A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual do jovem e as perspectivas no mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

TOMAS, Maria Carolina; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto C. de; RIOS-NETO, Eduardo Luiz G.. Adiamiento do ingresso no mercado de trabalho sob o enfoque demográfico: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo , v. 25, n. 1, p. 91-107, jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982008000100006&lng=en&nrm=iso . Acessado em 23/03/2020.

WELLER, Wivian. Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude. XIII *Congresso brasileiro de Sociologia*, GT sociologia da infância e juventude.

_____. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. 25, n. 2, Aug. 2010